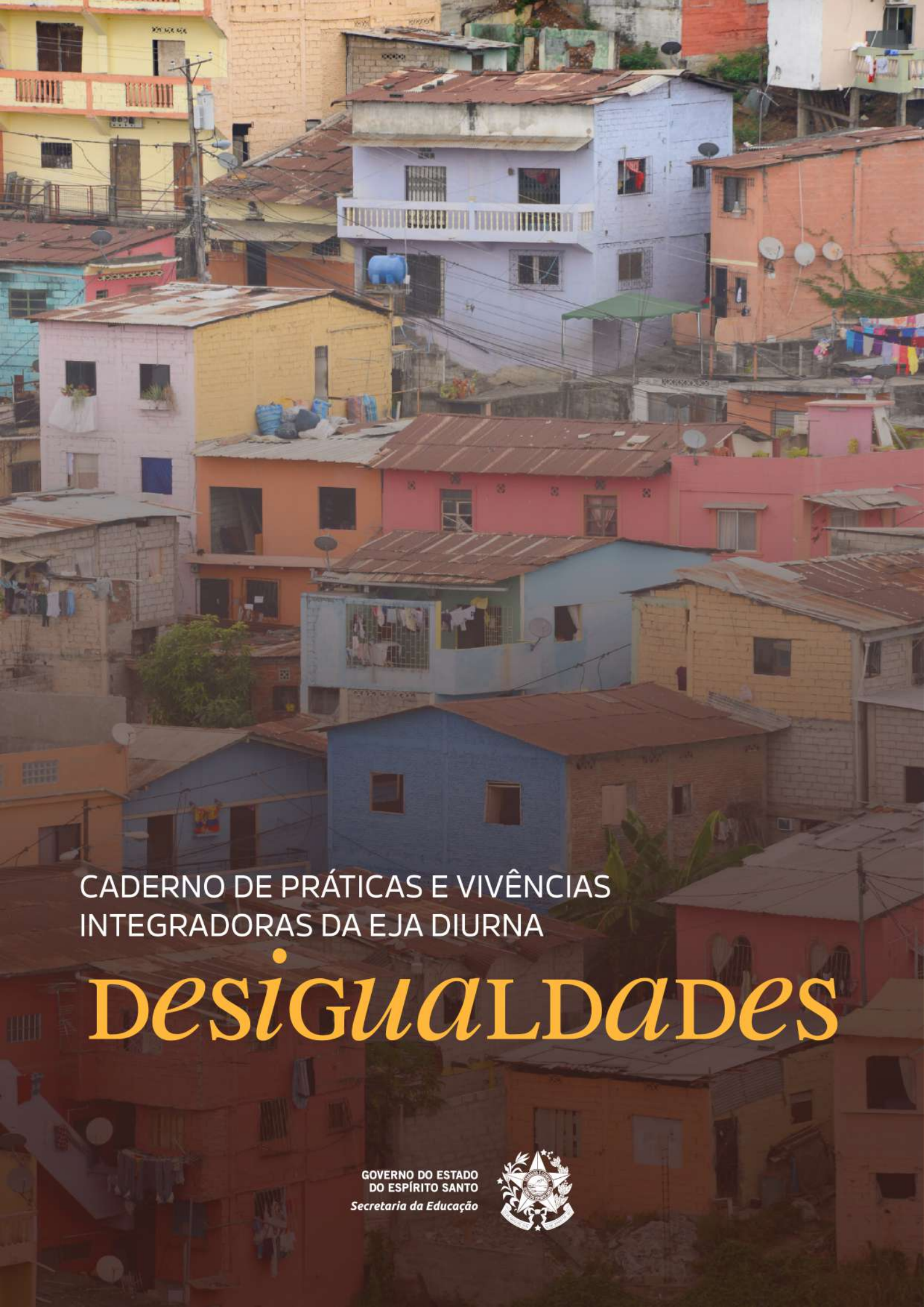
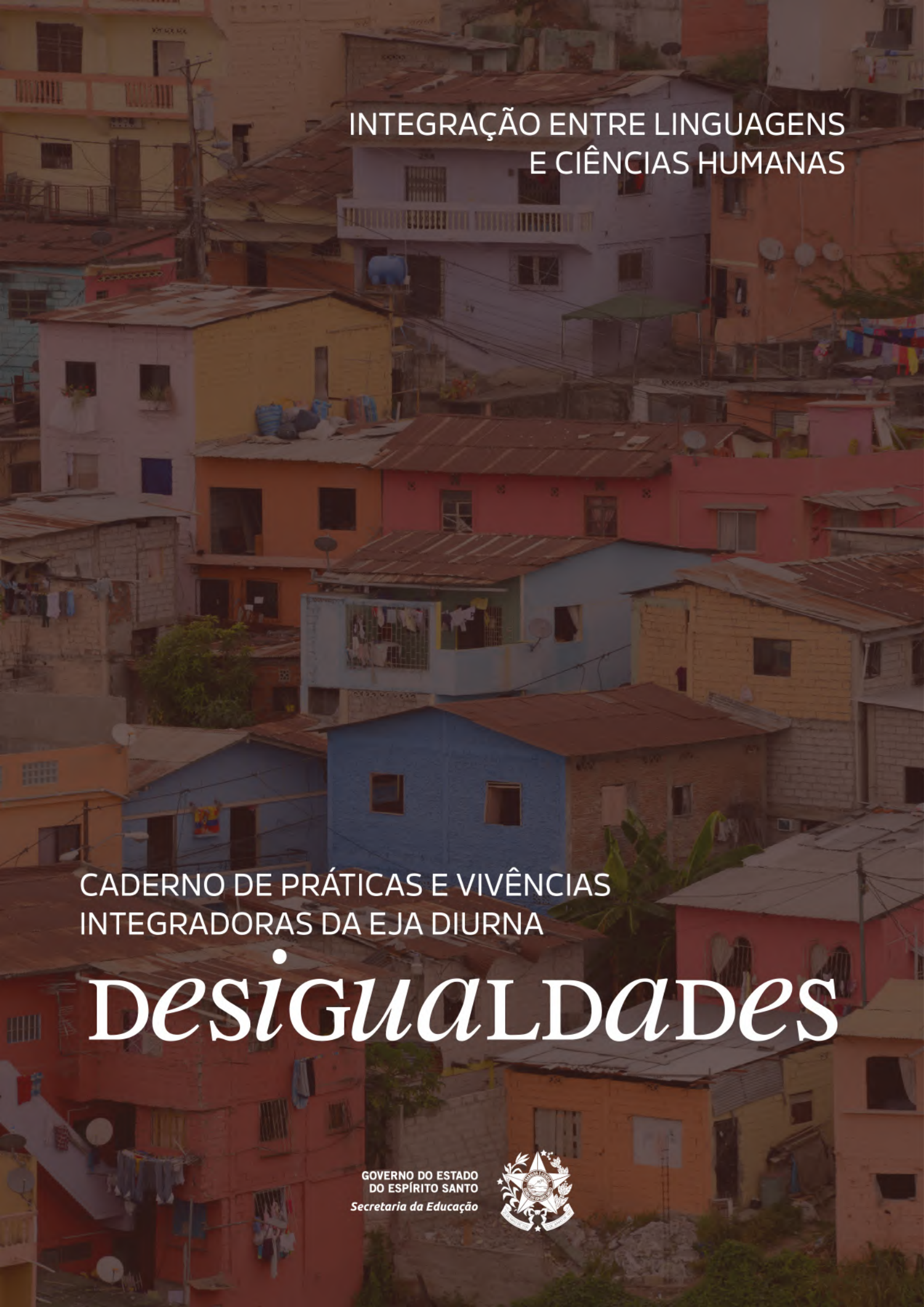


CADERNO DE PRÁTICAS E VIVÊNCIAS
INTEGRADORAS DA EJA DIURNA

desigualdades

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação



INTEGRAÇÃO ENTRE LINGUAGENS
E CIÊNCIAS HUMANAS

CADERNO DE PRÁTICAS E VIVÊNCIAS
INTEGRADORAS DA EJA DIURNA

desigualdades

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Governador do Estado do Espírito Santo
José Renato Casagrande

Secretário de Estado da Educação do Espírito Santo
Vitor Amorim de Angelo

Subsecretária de Educação Básica e Profissional
Andréa Guzzo Pereira

Gerente de Educação de Jovens e Adultos
Mariane Luzia Folador Dominicini Berger

Subgerente de Desenvolvimento Curricular da Educação de Jovens e Adultos
Alessandra Ribeiro Alves

Organizadora do Conteúdo
Ana Claudia Araujo de Lima

Revisores de Conteúdo
Rogério Carvalho de Holanda
Bruno de Almeida Zamite

Equipe Técnica da Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Ana Claudia Araujo de Lima
Andrêssa Endlich Dourado
Edimar Barcelos
Flávia Demuner Ribeiro
João Batista Pereira Alves
Márcio Peters
Pollyanna Labeta Iack
Rayvo Viana do Nascimento
Rogério Carvalho de Holanda
Simone Chagas Siqueira Pachito
Tatiana das Mercês Januário

Equipe de Apoio da Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Carla Régis Ramos Rocha
Sara Caroline Leite Bento da Silva

Permitida a reprodução para fins educativos e de informação, com indicação da autoria, vedada qualquer utilização comercial ou com fins lucrativos.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Governo do Estado do Espírito Santo, ES, Brasil)

Espírito Santo (Estado). Secretaria de Educação.

E77c **Caderno de práticas e vivências integradoras da EJA diurna: desigualdades [livro eletrônico] / Organizadores Alessandra Ribeiro Alves, Ana Claudia Araujo de Lima, Andréa Guzzo Pereira, Mariane Luzia Folador Dominicini Berger e Vitor Amorim de Angelo. Vitória, ES: GEEJA/SEEB/SEDU, 2025.**

31.316 Kb
Bibliografia
ISBN: 978-65-85134-97-2

1. Educação – Espírito Santo (Estado). 2. Educação Básica. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Alves, Alessandra Ribeiro. II. Angelo, Vitor Amorim de. III. Berger, Mariane Luzia Folador Dominicini. IV. Lima, Ana Claudia Araujo de. V. Pereira, Andréa Guzzo. VI. Título.

CDD: 370
CDU: 37

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário Victor Barroso Oliveira - CRB 462/ES

SUMÁRIO

6. APRESENTAÇÃO

7. EJA DIURNA: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

11. A CATEGORIA DESIGUALDADES

12. O PRINCÍPIO CONSTITUCIONAL DA IGUALDADE NA NOSSA "CONSTITUIÇÃO CIDADÃ"

19. "TODOS IGUAIS, MAS UNS MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS": DADOS DAS DESIGUALDADES NO BRASIL

23. AS DESIGUALDADES DE GÊNERO DENUNCIADAS E DISCUTIDAS NA ARTE, NOS NOTICIÁRIOS E NAS REDES SOCIAIS:

32. DESIGUALDADE QUE SE SENTE NA PELE: INTERSEÇÕES ENTRE DESIGUALDADE SOCIAL E RACISMO

38. IMAGENS DA DESIGUALDADE NO BRASIL E NO MUNDO

42. A EQUIDADE PELA VIA DA ARTE E DA CULTURA

46. REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é desenvolvida como uma oferta prioritária para a Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, o que se evidencia, desde o ano de 2019, com a criação da Gerência de Educação de Jovens e Adultos – Geeja.

No ano de 2021, foi implantada a EJA Diurna Seja + com o objetivo de ampliar as oportunidades educacionais de nossos jovens, adultos e idosos, por meio de uma organização curricular diferenciada. Desde sua implantação, essa oferta tem sido aprimorada a partir de assessoramentos pedagógicos, formações e escuta de estudantes e professores. Desses movimentos sistematizados surge a proposta de elaboração de um material estruturado para apoiar a prática docente, sobretudo em relação aos componentes curriculares integradores Práticas e Vivências Integradoras 1 e Práticas e Vivências Integradoras 2.

Assim, com muita satisfação, apresentamos a Coletânea de Cadernos de Práticas e Vivências Integradoras da EJA Diurna, relacionados à integração curricular das Áreas de Conhecimento de Linguagens e Ciências Humanas. A primeira coletânea é composta por quatro Cadernos, elaborados a partir das categorias Trabalho, Território, Juventudes e Desigualdades.

Almejamos que esses materiais possam enriquecer ainda mais o trabalho docente e reverberar na formação dos nossos estudantes, por meio da apropriação de conhecimentos que possibilitem "intervir na ordem estabelecida", como sempre nos ensinou Paulo Freire.

Desejamos um bom trabalho!

Vitor Amorim de Angelo
Secretário de Estado da Educação

Andréa Guzzo Pereira
Subsecretária de Estado da Educação

A EJA DIURNA: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

A Educação de Jovens e Adultos na rede estadual de ensino vem passando por uma série de avanços, no sentido de se adequar às transformações observadas nessa modalidade e ofertar aos nossos estudantes possibilidades diversas de acesso à escola, para que eles desenvolvam seus aprendizados e concluam seu percurso escolar com qualidade e equidade. Pensando nisso, a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu), por meio da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (Geeja), tem trabalhado para fortalecer e inovar a EJA, ampliando, por exemplo, a oferta de vagas para os turnos matutino e vespertino, o que rompe com a ideia tradicional de que a oferta de EJA é exclusiva do tempo noturno.

Segundo o parecer CNE/CEB 11/2000[1], documento que orienta as diretrizes para a EJA no Brasil, essa modalidade necessita ser entendida a partir das suas funções - **reparadora**, **equalizadora** e **qualificadora**. Assim, entendemos que a EJA Diurna do Espírito Santo - também conhecida como "Seja Mais" (nome do programa de implementação) surge para atender àqueles jovens e adultos que, por motivos de trabalho, de tarefas familiares ou de vulnerabilidade social, têm dificuldade ou são impedidos de frequentar uma escola no horário da noite. Além dessa nova possibilidade de horário, a EJA Diurna conta com uma organização curricular mais alinhada aos interesses desse público e às demandas do mundo moderno, como os componentes Cultura Digital, ofertado atualmente em todas as etapas e segmentos, e os componentes Práticas e Vivências Integradoras I e II, sobre os quais, à diante, iremos nos deter mais profundamente.



Imagem disponível em: sejatroca.com/blog/post/equidade-o-caminho-para-uma-efetiva-inclusao-da-diversidade-nas-empresas (Acesso em: 27/02/2024)

Passados três anos desde a implantação da EJA Diurna/Seja Mais nas escolas da rede estadual, sentimos a necessidade de entregar aos nossos professores um material que lhes ofereça, ao mesmo tempo, suporte, reflexão e inspiração, para lhes provocar novos olhares, instigar sua criatividade e aprimorar sua prática, melhorando, consequentemente, a qualidade do ensino e o engajamento dos estudantes jovens e adultos.

1 http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf

O que são as "Práticas e Vivências Integradoras"?

A EJA Diurna (Seja Mais) nasce com a intenção de dinamizar e promover o maior alcance da Educação de Jovens e Adultos no estado do Espírito Santo. Mas, ao estruturarmos essa forma de oferta, temos também a intenção de inovar e revitalizar o currículo, tornando-o mais significativo. Assim nascem os componentes curriculares integradores que buscam flexibilizar os tempos de aprendizagem e valorizar as diversas formas de conhecimento e de aprendizado, combinando o tempo escolar e o tempo vivencial dos estudantes e propondo, por meio da pesquisa, trocas e interações entre a escola e a comunidade, bem como entre as diferentes abordagens das disciplinas curriculares e do conhecimento formal sobre assuntos cotidianos.



Fonte: Caderno Orientador de Práticas e Vivências Integradoras I. Sedu (2022)

Quando falamos em "integração", estamos tomando duas dimensões: a dimensão curricular e a dimensão vivencial. A integração curricular - algumas vezes chamada de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade - considera a necessidade de um trabalho uníssono entre as diversas áreas e disciplinas escolares, partindo do princípio de que o conhecimento se torna mais amplo e mais pleno, na medida em que passa por diferentes abordagens, por aprofundamentos e detalhamentos em múltiplas direções. Da mesma forma, o conhecimento de mundo e o conhecimento sistematizado pelo currículo escolar necessitam andar juntos, numa relação de complementaridade, de modo que aquilo que se aborda, se discute e se aprende na escola ressignifique o mundo e as vivências dos sujeitos envolvidos nessas aprendizagens e, numa via de mão dupla, aquilo que se vivencia e que se experimenta fora da escola deve alimentar e dar sentido ao conhecimento formal, de forma que o estudante perceba o papel desse conhecimento para o seu contínuo crescimento.

Dessa forma, o papel dos componentes integradores da EJA Diurna não se encerra neles mesmos, mas visa à adoção de uma postura político-pedagógica de toda a escola - docentes, gestores, equipe pedagógica e discentes, a fim de construir para esses jovens e adultos uma relação realmente pujante com a escola e, principalmente, com o conhecimento - de si e do mundo que os aguarda para além do ensino básico.

Como pensar a Integração Curricular e seus desdobramentos na vivência concreta?

Para entendermos melhor o quanto os componentes integradores podem ser proveitosos não só em nossas escolas, mas nas comunidades e territórios de vivência dos estudantes, ilustramos nossa apresentação com o recorte, inspirado em um texto jornalístico do noticiário nacional:



Seja + Notícias

CULTURA · CIDADANIA · NATUREZA · APRENDIZADO

Ensino sobre eventos extremos ajudou comunidade de Pernambuco a se proteger

Educação climática salva vidas em comunidade pernambucana

Por Gabriel Gama

Em maio de 2022, Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife, enfrentou fortes chuvas que resultaram em 64 mortes. No entanto, na comunidade do Retiro, a história foi diferente dos outros bairros: o local não registrou nenhum óbito. A razão para essa discrepância não estava nas condições socioeconômicas ou na infraestrutura das moradias, mas sim em outro fator: a educação dos jovens e adultos sobre as mudanças climáticas e os riscos dos desastres.

Após quatro meses de treinamento e práticas educacionais, estudantes da comunidade do Retiro adotaram ações preventivas e foram capazes de orientar a evacuação dos vizinhos que viviam em regiões sujeitas a deslizamentos. No fim das contas, salvaram vidas.

Havia chovido a madrugada inteira. Quando Aléxys Gabriel Ferreira, então com 16 anos, acordou, ele notou pelo pluviômetro caseiro – que tinha aprendido a construir e a analisar durante o treinamento – que o cenário era de preocupação. Saiu, então, batendo na vizinhança para pedir que os moradores deixassem suas casas.

"Segui as recomendações que ouvi no projeto e falei para as pessoas saírem da área de risco, para tomarem cuidado, e me coloquei à disposição para tirar dúvidas dos moradores e passar as perguntas deles para o pessoal da Defesa Civil", conta.

PUBLICAÇÃO ORIGINAL EM: APUBLICA.ORG
DATA: 27 DE FEVEREIRO DE 2024

O caso apresentado no texto acima nos exemplifica como o ensino pode e deve ser articulado às necessidades e possibilidades de cada território, associando de fato teoria e prática, reflexão e ação, escola e comunidade, conteúdo escolar e senso de cidadania e de humanidade.

Ao pensarmos os detalhes da notícia acima, veremos que o "treinamento" e a fabricação do pluviômetro caseiro, que evitaram uma tragédia na comunidade do Retiro, certamente são etapas de uma proposta metodológica sobre educação climática. Porém, o que está implícito é que a escolha dessa temática nasce do fato de se estar em um território vulnerável a esse tipo de ocorrência - fortes chuvas, com enchentes, deslizamentos e outras tragédias. E, para se chegar às etapas que culminaram nessa ação, provavelmente houve uma pesquisa prévia, um diagnóstico do território que verificou suas reais necessidades e, então, traçaram-se a

metodologia, os conteúdos e cada uma das etapas de desenvolvimento.

A atitude do adolescente Aléxys Gabriel demonstra, ainda, um tratamento abrangente, integral do problema, que permitiu não só a habilidade de fabricar um artefato, uma tecnologia, mas também a capacidade de interpretar os dados fornecidos por essa ferramenta e o desenvolvimento da proatividade para uma tomada de decisão a partir da leitura desses dados, com senso de coletividade e segurança. Outro ponto a se destacar é a parceria com órgãos públicos - nesse caso a Defesa Civil, demonstrando que quanto mais diálogos, isto é, quanto mais integração, maior e mais rico é o aprendizado.

Podemos indicar, ainda, a possibilidade de discutir, a partir da questão climática, questões éticas, políticas, historiográficas, socioeconômicas e étnico-raciais relacionadas a esse tipo de tragédia, desenvolvendo o senso crítico para refutar a ideia simplista de que uma tragédia como essa, comum em muitos cenários brasileiros, ocorre em função apenas de um "fenômeno natural", quando, na verdade, muitas dessas tragédias podem ser previstas e amenizadas ou até evitadas, caso o poder público se proponha a fazê-lo.

Em síntese, a notícia acima se configura como um excelente exemplo do tratamento integrador que pode ser feito a partir de um determinado tema e de uma situação-problema verificada no território ou nas vivências dos sujeitos envolvidos na escola, desde que haja planejamento, diálogo e uma atitude político-pedagógica comprometida com a formação plena dos estudantes da EJA.

Ao propormos um ensino que esteja alinhado com as práticas sociais e as vivências culturais de nossos estudantes, queremos que professores e estudantes sejam capazes de ousar, de desenvolver ensino-aprendizagem por meio da pesquisa, da reflexão-ação, da sensibilidade e da acuidade, com metodologias diversificadas que traduzam a intencionalidade de uma formação integral e emancipadora, que reconectem esses sujeitos à escola e ao prazer de aprender, que transforme suas descontinuidades na trajetória escolar em caminhos para a redescoberta dos seus sonhos, para a atuação social plena e para todas as possibilidades de ser e estar no mundo.

Neste sentido, as leituras, reflexões e atividades propostas nos Cadernos de Práticas e Vivências Integradoras devem expandir o que é trabalhado na sala de aula para além dos muros da escola, ampliando também a visão de mundo e novas possibilidades de atuação social dos nossos estudantes. Nos afastamos da ideia de um material prescritivo e desejamos que todas as propostas sejam vistas como sementes ou como ponto partida para ajudar a organizar a integração, fazendo multiplicar as boas ideias e práticas que certamente já se desenvolvem em nossas escolas.

A CATEGORIA DESIGUALDADES

Introdução

Que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, não é novidade para ninguém. Há anos, os noticiários e os analistas econômicos vêm apontando que aqui existe uma concentração de renda absurda que condena a maior parte da população, não só à pobreza, mas à subtração de uma série de direitos. Em janeiro de 2024, um relatório apresentado em Davos, na Suíça, durante o Fórum Econômico Mundial, indicou que mais de 60% de toda a riqueza do país está concentrada nas mãos de apenas 1% da população. O instituto Oxfam foi o responsável pela elaboração desse relatório e um material muito rico e atualizado está disponível gratuitamente no portal da instituição.

Reproduzimos abaixo um trecho adaptado a partir do relatório "*A distância que nos une*":

Nossos indicadores de desigualdade são como diferentes lentes que fotografam o mesmo problema - o distanciamento hierarquizado de grupos sociais. Obtivemos conquistas que merecem ser notadas, mas ainda aquém da concretização de todos os direitos previstos constitucionalmente.

Combater as desigualdades é um fim em si mesmo. As diferenças socioeconômicas existentes no país são inaceitáveis sob qualquer aspecto e não condizem com os ideais de igualdade e solidariedade sobre os quais nossa Constituição Federal se apoia. Mas há muito mais em jogo quando falamos de desigualdades.

A redução de desigualdades permite aumentar o acesso a direitos básicos como saúde, alimentação, educação, moradia etc. Comparando as diferentes regiões e territórios no Brasil, percebe-se que quanto menor é a desigualdade de renda, maior é a garantia de acesso a serviços essenciais, como oferta de água ou de médicos; menores são as taxas de mortalidade infantil e maior é a expectativa de vida ao nascer. Combater desigualdades é também o caminho para vivermos em uma sociedade menos violenta, já que a exclusão social está diretamente relacionada ao aumento da violência, seja na cidade ou no campo.

Por fim, a boa saúde de uma democracia depende de sociedades igualitárias: quanto maior a desigualdade e a interferência indevida das elites econômicas na definição de políticas, menor é a crença das pessoas na capacidade da democracia melhorar suas condições de vida, e menor é a crença na democracia em si.

Para acessar o relatório completo, clique no link abaixo ou leia o QR code:

https://www.oxfam.org.br/relatorios-e-pesquisas/

Compreendemos que a categoria "Desigualdades" é fundamental para ser trabalhada na EJA, pois os estudantes atendidos nessa modalidade certamente sentem na concretude de suas vivências os impactos das desigualdades de renda, intimamente relacionadas às desigualdades de raça e de gênero. Podemos afirmar sem medo de errar que a descontinuidade da vida escolar desses estudantes é consequência direta dos problemas provocados pela extrema desigualdade que distancia nosso país e nosso povo da plena dignidade humana. Dessa forma, as leituras, reflexões e atividades propostas neste material buscam aprofundar o estudo dessa categoria, por meio de uma abordagem integradora, na qual os diversos componentes curriculares e áreas do conhecimento podem contribuir para ampliar as discussões e aprofundar a compreensão dos estudantes, promovendo não apenas a escolarização, mas a formação integral desses jovens e adultos.

O PRINCÍPIO CONSTITUCIONAL DA IGUALDADE NA NOSSA "CONSTITUIÇÃO CIDADÃ"

A Constituição Federal Brasileira, promulgada em 1988, é conhecida como Constituição Cidadã e é considerada, por muitos especialistas - juristas, historiadores, cientistas sociais e cientistas políticos - uma das Leis Magnas mais avançadas e humanistas do mundo.

Nossa jovem Constituição nasceu depois do longo período em que o Brasil esteve afundado no regime empresarial-militar que submeteu boa parte da população ao autoritarismo e ao estreitamento de direitos fundamentais, como o direito de livre expressão e manifestação, e o direito de escolher seus representantes políticos por meio do voto direto.



Tanques do Exército a caminho do Palácio das Laranjeiras, em 1º de abril de 1964. Foto: Arquivo/Agência O Globo.

No processo de redemocratização do país, uma Assembleia Nacional Constituinte, composta por 558 parlamentares, entre deputados e senadores, e presidida pelo deputado Ulysses Guimarães. Durante quase dois anos, entre fevereiro de 1987 e outubro de 1988, em diálogo com a população, essa Constituinte trabalhou para definir o novo sistema de governo, organizar as eleições diretas - "diretas já" - e definir o novo conjunto de leis que vigora no país até os dias atuais.



Posto de coleta de assinaturas de emendas populares. Ao todo, a Constituinte contou com 122 emendas populares e mais de 12 milhões de pessoas deram sua assinatura. Acervo fotográfico da Coleção Memória da ALMG. Fotógrafo Alair Vieira.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), indicamos alguns assuntos e abordagens que podem ser feitas a partir da Categoria Desigualdades, além de propostas de leituras e atividades. Entretanto, o diálogo em planejamentos integrados é fundamental para que novos assuntos e abordagens sejam elencados, de acordo com as necessidades e o perfil da turma. É de suma importância, ainda, contextualizar as questões históricas que se configuram como raízes das desigualdades sociais brasileiras, como a colonização, a escravização e o genocídio dos povos africanos e indígenas, entre outros fatores consequentes.



Representações indígenas acompanham a sessão da Assembleia Nacional Constituinte que aprovou a nova Constituição Federal. Arquivos do Senado, da Câmara e da Agência Brasil. Fotógrafo Leopoldo Silva.

40 anos antes do "nascimento" da nova constituição brasileira, no pós-Segunda Guerra Mundial, a Assembleia Geral da ONU aprovava a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não por coincidência, há inúmeros pontos de convergência entre esses dois documentos e, da mesma forma, ambos buscam garantir que as autoridades governamentais trabalhem para manter a dignidade da pessoa humana. Vejamos algumas semelhanças entre a CF de 1988 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948:

TABELA COMPARATIVA	
CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS
PESSOA HUMANA	
Art. 1º - A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e Distrito Federal, constituiu-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] III - a dignidade da pessoa humana	VI. Todo homem tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana, perante a lei.
VIDA, LIBERDADE, SEGURANÇA	
Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.	III. Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.
IGUALDADE	
Art. 5º, I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.	I. Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.
NÃO DISCRIMINAÇÃO	
Art. 5º, XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais: Art. 5º, XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;	II. Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição.

PESSOA HUMANA	
Art. 1º - A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e Distrito Federal, constituiu-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] III - a dignidade da pessoa humana.	VI. Todo homem tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana, perante a lei.
LAZER	
Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.	XXIV. Todo homem tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.
BEM-ESTAR	
Art. 230 - A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.	XXV. Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas de matrimônio ou fora dele, têm direito a igual proteção social.
INSTRUÇÃO	
Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.	XXVI. Todo homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas suas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Tabela adaptada a partir de: *justica.pr.gov.br/Pagina/Declaracao-Universal-e-Constituicao-de-1988*

No processo de redemocratização do país, uma Assembleia Nacional Constituinte, composta por 558 parlamentares, entre deputados e senadores, e presidida pelo deputado Ulysses Guimarães. Durante quase dois anos, entre fevereiro de 1987 e outubro de 1988, em diálogo com a população, essa Constituinte trabalhou para definir o novo sistema de governo, organizar as eleições diretas - "diretas já" - e definir o novo conjunto de leis que vigora no país até os dias atuais.

Você pode saber mais sobre o os bastidores do processo da elaboração da nossa Carta Magna, assistindo ao documentário "Constituinte 1987-1988", que traz revelações e relatos inéditos sobre como tudo ocorreu. O filme completo tem pouco mais de 50 minutos e está disponível no YouTube e pode ser acessado pelo QR code ou pelo link:

https://youtu.be/5K2Dewyv-jHg?si=ejJeWQGhrUBaKweK

Orientações para trabalhar com as leituras propostas anteriormente:

Faça mais uma leitura da Tabela Comparativa entre os artigos da Constituição 1988 os da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para essa segunda leitura, você deve refletir sobre as questões abaixo e registrar no seu caderno as respostas e pontos que chamam sua atenção:

1) Considerando a diferença temporal entre os dois documentos e o nível de complexidade e compromisso com a nação brasileira, podemos dizer que a Constituição de 88 é mais ampla que a Declaração Universal da ONU?

2)Ao tomarmos o princípio da igualdade, lemos o seguinte:

- Art. 5º, I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição. (Brasil, C.F. 1988);
- Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. (Declaração Universal dos Direitos Humanos).

Comparando esses dois itens, é perceptível que há uma preocupação em nossa constituição em romper com ideologias patriarcais, ao demarcar na escritura da lei direito e deveres iguais para “homens e mulheres”, enquanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos ainda dá um tratamento genérico com a expressão “todos os homens”, abrangendo na palavra “homens” o gênero feminino. O que você pensa a respeito disso? É necessário fazer uma distinção entre os gêneros?

3) Vejamos novamente o artigo abaixo:
Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (Brasil, C. F., 1988).
a) Como podemos avaliar a garantia de que “todos são iguais perante a lei” diante da realidade atual? Reflita sobre suas próprias vivências e sobre as pessoas que você conhece, você diria que o que se declara nesse artigo da Constituição Federal é realmente cumprido?
b) Considerando que brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil não podem ter violados os direitos “à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, em quais desses pontos você acha que ainda precisamos avançar mais?

Leia um poema de Thiago de Mello, poeta brasileiro que viveu o período de ditaduras no Brasil e em outros países da América do Sul:

OS ESTATUTOS DO HOMEM
(ATO INSTITUCIONAL PERMANENTE)

A Carlos Heitor Cony

ARTIGO I — Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

ARTIGO II — Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

ARTIGO III — Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer,
o dia inteiro, abertas
para o verde onde cresce a esperança.

ARTIGO IV Fica decretado que o homem não precisará
nunca mais duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

PARÁGRAFO ÚNICO: O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.
[...]

ARTIGO FINAL

Fica proibido o uso da palavra liberdade.
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre o coração do homem.

Quinta Normal,
Santiago do Chile, abril de 64.

Publicado no livro Faz Escuro Mas Eu Canto: Porque a Manhã Vai Chegar (1965).

QUEM É THIAGO DE MELLO?



Amadeu Thiago de Mello, nasceu em Porantim do Bom Socorro, município de Barreirinha, no Estado do Amazonas, no dia 30 de março de 1926. Em 1931, ainda criança, mudou-se com a família para Manaus, onde iniciou seus estudos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e depois, no Ginásio Pedro II. Mais tarde mudou-se para o Rio de Janeiro, onde em 1946 ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, mas não chegou a concluir o curso para seguir a carreira literária.

Em 1957, Thiago de Mello foi convidado para dirigir o Departamento Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro. Entre 1959 e 1960 foi adido cultural na Bolívia e no Peru. Entre os anos de 1961 e 1964 foi adido cultural em Santiago, no Chile.

Thiago de Mello tornou-se nacionalmente conhecido como um intelectual engajado na luta pelos Direitos Humanos, e manifestou em sua poesia o seu repúdio ao autoritarismo e à repressão.

REFLEXÕES SOBRE O TEXTO E O CONTEXTO:

O poema é um texto literário, que se caracteriza pela subjetividade e pelo valor estético, isso quer dizer que, diferente do **texto não literário**, seu conteúdo não tem um viés informativo, instrucional, objetivo. Além disso, é um texto normalmente organizado em versos e estrofes, que apresenta sonoridade, ritmo e, muitas vezes, rimas.

No poema "Os estatutos do homem", há características que lembram os textos normativos e legais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Constituição Federal de 1988 e outros códigos e estatutos que compõem o conjunto de Leis da nossa sociedade.

Orientações para trabalhar e refletir sobre o poema e conhecer melhor seu contexto de produção e publicação:

1) Que recursos o autor emprega para que seu poema fique parecido com um texto estatutário?
2) Em que aspectos o texto se afasta do caráter prático e real de uma Lei? Cite versos do poema para justificar sua resposta.
3) Quando escreveu esse poema, Thiago de Mello morava e trabalhava no Chile. Ainda assim, algo que aconteceu no Brasil foi o que impulsionou o poeta a escrever. Pela data em que o poema foi escrito, abril de 1964, que acontecimento marcante motivou a escrita desse poema?
4) Considerando o conteúdo do texto e o título da obra em que ele foi publicado, em 1965, que tipo de sentimento o autor busca reafirmar diante daquele momento histórico?
5) Na última estrofe do poema, declara-se a proibição do uso da palavra "liberdade" e até a sua extinção dos dicionários. Embora pareça uma declaração contraditória, o último verso do poema nos ajuda a compreender melhor esse "artigo final". Levante hipóteses: por que o poeta deseja que a palavra liberdade tenha morada no coração do homem?

ORIENTAÇÕES

1) Espera-se que o estudante perceba que o texto mantém uma organização típica do gênero poema, em versos e estrofes. Porém, as estrofes são enumeradas como "artigo" e "parágrafo", a exemplo de textos estatutários. Além disso, a construção verbal "Fica decretado", que inicia quase todas as estrofes, reforça essa aproximação com o texto normativo; 2) O conteúdo do texto se afasta do que normalmente se apresenta em um texto normativo, pois as "normas" incidem sobre seres inanimados e fenômenos naturais ou, ainda, declaram ações que não podem ser cumpridas pela força da Lei, como se vê, por exemplo, no Artigo II: "Fica decretado que todos os dias da semana [...] têm direito a converter-se em manhãs de domingo" ou no trecho do Artigo III: "Fica decretado que [...] os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra"; 3) Em 1964, ocorreu no Brasil o golpe que depôs o presidente João Goulart e impôs o regime militar, dando início a um período de autoritarismo, censura, torturas e a retirada de diversos direitos; 4) Por seu conteúdo, o poema busca transmitir sentimentos de esperança e de otimismo, como uma forma de resistência diante do golpe e das atrocidades cometidas pelos militares que tomaram o poder naquele momento; 5) Provavelmente, o desejo do eu poético é o de que a liberdade não seja só uma palavra, presente nos livros e no dicionário, mas que ela exista de fato, que seja sentida e praticada.

ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

- Coloque-se agora como um poeta diante da sua realidade;
- Tome como inspiração algo que você gostaria que melhorasse, por mais difícil que pareça;
- Faça o exercício de escrever uma estrofe, no mesmo formato de declaração estatutária adotado no poema de Thiago de Mello. Caso surja mais de uma estrofe, deixe a escrita fluir à vontade;
- Depois de pronto, troque seu texto com seus colegas, para que uns leiam os outros.
- Por fim, juntem todos os escritos produzidos e construam a própria declaração universal poética da humanidade.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), é possível adaptar essa atividade de acordo com a realidade da escola e com o perfil da turma. Dialogue com a equipe de professores dos componentes envolvidos nessa prática e definam as melhores estratégias. O material produzido nesta atividade poderá ser organizado em uma publicação da turma ou em uma exposição de textos poéticos, entre outras possibilidades.

A seguir, é possível acessar uma série de vídeos curtos que podem nos ajudar a compreender melhor o que é uma Constituição, como nossa Constituição ajudou a promover avanços em nossa sociedade democrática, em que pontos ela ainda precisa melhorar e como ela se adequa às necessidades da sociedade atual. Assita os vídeos e realize as atividades, de acordo com as orientações dos seus professores:

1º vídeo:

O que é uma constituição e como funcionam nossas leis?
https://youtu.be/Es7QP2BdFqY?si=OUZOcGhbYbqUG6Au

2º vídeo:

A Constituição do Brasil e as promessas cumpridas.
https://youtu.be/Ssf0RZ69yP8?si=tJ4dq3DNn3QVflfY

3º vídeo:

A Constituição do Brasil e as promessas não cumpridas.
https://www.youtube.com/watch?v=8XkFjdZzhos

4º vídeo:

A Constituição de 2018.
https://www.youtube.com/watch?v=ieXnSiYwzyU&t=167s

Após assistir aos vídeos e fazer anotações sobre os pontos que mais lhe interessaram, faça uma roda de conversa com seus colegas e professores, a fim de discutir e expressar suas dúvidas, questionamentos, opiniões e conclusões.

Para orientar a roda de conversa, sugerimos algumas questões:

Vídeo 1: O que é uma constituição? O que ocorre se uma nova lei contrariar o que está na Lei Maior? O apresentador do vídeo, João Trindade, é consultor legislativo do Senado do Brasil. Levante hipóteses: como esse consultor auxilia o senador a desempenhar seu papel?
Vídeo 2: Por que a Constituição de 1988 trazia um clima de esperança ao país? Nossa constituição, chamada de Constituição Cidadã, não é perfeita, mas muitos aspectos exemplificam o quanto ela é avançada em relação às anteriores. Cite dois exemplos desse avanço no campo dos direitos sociais.
Vídeo 3: Em que aspectos a Constituição de 1988 não conseguiu avançar tanto quanto se acreditava?
Vídeo 4: O que são "emendas constitucionais"? O que a palavra "emenda" significa em outros contextos? Por que o vídeo apresenta como assunto a "Constituição de 2018"? Existe uma nova Constituição? Você concorda com as mudanças e adequações propostas?

ORIENTAÇÕES

Professor(a), indicamos a série de quatro vídeos que fizeram parte de um projeto do Senado Brasileiro, cujo objetivo é aproximar os estudantes desse conhecimento tão importante e, ao mesmo tempo, tão distante e tão pouco explorado no ambiente escolar. Como se trata de vídeos curtos, de no máximo 6 minutos, eles podem ser trabalhados em sala de aula, por etapas ou conjuntamente. Caso haja possibilidades, os estudantes podem assistir aos vídeos de forma prévia, em casa. Em sala de aula, os vídeos podem ser exibidos novamente e os estudantes podem ser convidados a fazer destaques e anotações no caderno, a fim de trazerem pontos para o momento de discussão.

ORIENTAÇÕES

Vídeo 1: A constituição é o conjunto de leis que regem a vida social e política de uma nação, mas acima disso, é o texto que reflete os valores fundamentais dessa nação. Se uma nova lei é proposta ou criada sem respeitar o que diz a Lei Maior, ela será considerada inconstitucional e, com isso, será invalidada, banida. Um senador, entre outras funções, é responsável por propor e aprovar novas leis, sempre respeitando aquilo que diz a constituição. É nesse sentido que o consultor legislativo auxilia o senador, pois ele conhece muito bem a constituição. Vídeo 2: A Constituição de 1988 trazia um clima de esperança, pois demarcava a redemocratização do país, após um longo período de ditadura militar, que representava a opressão e o medo. Embora não seja perfeita e, em alguns aspectos seja até utópica, há avanços no campo social que só foram alcançados no Brasil a partir de 1988, como o Sistema Único de Saúde, o Ensino Básico público e gratuito, programas de auxílio financeiro, como o Bolsa Família, para pessoas em extrema pobreza e, por fim, o acesso a cargos públicos por meio de concursos e não por meio de favorecimentos e indicações. Vídeo 3: O desenvolvimento econômico pleno do Brasil; a moralidade pública para que os ocupantes de cargos políticos sejam pessoas que não respondam por atos ilícitos; a proteção da criança e do adolescente, como mostram os números de crimes contra essa faixa etária, além do abandono do Estado, como mostram os números do sistema socioeducativo; a proteção do idoso, que ainda é muito falha; e a segurança pública. Vídeo 4: Nossa Constituição continua sendo a mesma elaborada e promulgada em 1988, isto é, não foi criada outra Lei Federal com o intuito de anular completamente a Carta Magna de 1988. Quando o expositor do vídeo fala em Constituição de 2018 ele está se referindo, na verdade, a dois fatores: a) às mudanças feitas ao longo do tempo para alterar o texto original de 1988, a exemplo da emenda que prevê um "teto" para os gastos públicos no país; b) às adequações na interpretação da Lei, a fim de atender às novas necessidades da sociedade atual, como o Casamento Civil e a União Estável entre pessoas do mesmo sexo.

“TODOS IGUAIS, MAS UNS MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS”: DADOS DAS DESIGUALDADES NO BRASIL

Como você já viu nas atividades anteriores, em 1977, uma Assembleia Nacional Constituinte foi formada por mais de 250 parlamentares que coordenaram a criação da atual Constituição Brasileira.

Propomos, agora, que você e seus colegas façam uma análise da fotografia abaixo e tentem identificar neste grupo mulheres, pessoas pretas e indígenas:



Encerramento da Constituinte: parlamentares cantam o Hino Nacional de mãos dadas. Foto: Arquivo do Senado.

Com o QR Code ou link abaixo, você pode acessar a imagem em alta resolução, a fim de analisá-la mais detalhadamente:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Assembleia_Constituinte_%2837684797316%29.jpg

ORIENTAÇÕES

Professor(a), é interessante que esta atividade seja feita na sequência das propostas anteriores, de preferência em integração com as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Arte. Para iniciar a leitura da imagem acima, comece fazendo perguntas, de modo que os estudantes rememorem o que foi a Assembleia Nacional Constituinte de 1987/1988, qual foi sua importância histórica e que tipo de valores foram estabelecidos para a nação a partir desse movimento. Explique que a qualidade e a nitidez da fotografia não são tão boas devido à época em que foi feita, quando os dispositivos fotográficos ainda não eram tão avançados como são atualmente. Por fim, faça com eles o exercício de passear pela imagem em seus mínimos detalhes e em seus diversos planos: a fotografia foi tirada a partir de certa distância e de um ponto mais elevado, os parlamentares estão divididos em dois grupos: um grupo maior está embaixo (na parte que se chama “bancada”), de costas para o fotógrafo, outro grupo menor, provavelmente os que ajudaram a conduzir a sessão, está na parte mais elevada (que se chama mesa), de frente para o fotógrafo. Na parte mais elevada, há uma mesa comprida, de cor preta e em forma de meia-lua, no ponto mais convexo da mesa, está centralizado o Brasão de Armas do Brasil e, logo abaixo, na base dessa estrutura elevada, está a bandeira brasileira esticada. Como a legenda esclarece, os parlamentares cantam o hino de mãos dadas. A grande maioria é composta por homens que usam terno e gravata. Nos dois cantos da parte inferior, aparecem cinco pessoas que não estão de costas, mas voltadas de frente para os demais, três delas são mulheres, identificadas pelo tipo de roupa e pelo corte de cabelo, mas não é possível dizer com certeza se elas são parlamentares ou jornalistas. Na parte superior, na segunda fileira de pessoas, do centro para a direita, é possível identificar outra mulher, de pele branca e cabelos compridos e pretos. Na parede listrada, bem ao fundo e quase ao centro, é possível ver o único homem negro e alto. Informe aos estudantes que se trata-se de Carlos Alberto Caó, um dos quatro parlamentares negros a compor a Constituinte. Ele foi o responsável por incluir na constituição o racismo como crime inafiançável e imprescritível. Aproveite essa informação para ressaltar a importância da representatividade na política e reforce que, ainda que a Constituição de 1988 tenha sido a mais representativa dos interesses populares, essa fotografia revela o quanto a representatividade ainda era extremamente baixa.

Agora, propomos que você analise o título de uma matéria jornalística e duas imagens retiradas dessa mesma matéria:

O GLOBO 100 ASSINE

Impresso | Últimas Entrar

Mundo / G20 no Brasil

Representatividade de mulheres no parlamento brasileiro é a segunda menor do G20, indica IBGE

Com 14,81% de ocupação nos assentos dos parlamentos nacionais, o Brasil só fica acima do Japão que tem 9,68% de representatividade feminina

Por André Zajdenweber e Pâmela Dias
09/04/2024 16h00 · Atualizado há 8 meses



Encerramento da Constituinte: parlamentares cantam o Hino Nacional de mãos dadas. Foto: Arquivo do Senado.

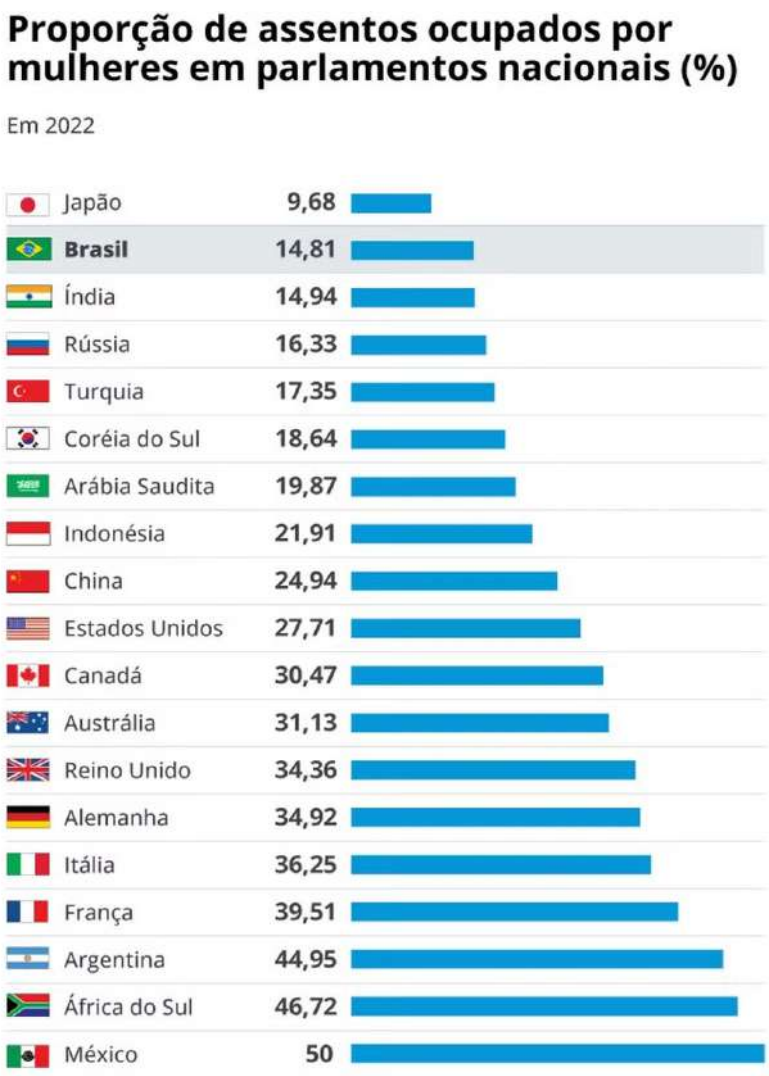


Tabela Gráfica da representatividade feminina em parlamentos nacionais dos membros do G20 - Foto: Editoria de Arte do Jornal O Globo.

Matéria completa disponível em:
https://oglobo.globo.com/mundo/g20-no-brasil/noticia/2024/04/09/representatividade-de-mulheres-no-parlamento-brasileiro-e-a-segunda-menor-do-g20-indica-ibge.ghtml

Depois de ler os dados apresentados acima, responda as questões abaixo:

1) De modo geral, há semelhanças entre as duas fotografias analisadas (a de 1988 e a de 2024)?
2) E do ponto de vista da representatividade, é possível dizer que houve avanços de 1988 para os dias atuais?
3)Analisando apenas a fotografia mais atual, você diria que a diversidade étnico-racial está plenamente representada na política brasileira?
4) Sobre o gráfico com uma lista de países e o respectivo percentual de mulheres em cargos parlamentares:
a) Com base nas informações apresentadas, você avalia que as mulheres no Brasil estão bem representadas?
b) Você sabe o que é e para que serve um parlamento nacional?
c) Durante as eleições, seja para o município, seja para o governo estadual ou nacional, você exerce o

ORIENTAÇÕES

Professor(a), 1) espera-se que os estudantes, ao comprarem e analisarem a fotografia de 1988 com as informações e imagens mais atuais, percebam que algumas semelhanças ainda se mantêm: o local onde os parlamentares se reúnem, o modo como se organizam no espaço, a arquitetura da câmara dos deputados, o modo formal de se vestirem. 2) Do ponto de vista da representatividade, é inegável que houve muitos avanços de 1988 para 2024. Hoje podemos ver um número muito mais expressivo de mulheres em cargos parlamentares e outros cargos políticos. Durante a atividade, é importante informar aos estudantes que isso se deve em grande parte à Emenda Constitucional (EC) nº 97/2017, que entre

seu direito ao voto? Você lembra quem foram os candidatos em quem votou para deputado estadual, deputado federal e senador, nas últimas eleições para esses cargos?

d) De que forma você acha que um candidato a ocupar um cargo político deve ser avaliado?

5) O título de reportagem apresentado anteriormente fala do Brasil em relação ao G20. Analise o gráfico apresentado e os países que o compõem e responda:

a) O que você entende que seja o chamado "G20"?

b) Quantos países o compõe?

c) Como você acha que os países membros do G20 foram escolhidos?

outros impactos, obriga que cada partido tenha entre seus candidatos ao menos 30% de mulheres. 3) Apesar das mudanças, espera-se que, ao analisarem a fotografia mais atual, os estudantes percebam que a diversidade étnico-racial ainda não é plenamente representada, pois negros e indígenas continuam sendo minoria. Entre homens e mulheres, a maioria dos parlamentares ainda são brancos. 4.a) Sobre a análise do Gráfico com os países do G20, espera-se que eles concluam que o Brasil tem o segundo pior número de representantes femininas no parlamento nacional, o que mostra que os interesses das mulheres brasileiras ainda não estão bem representados na política. Consideramos oportuno comentar que o enfrentamento desse desafio passa por um processo educativo, já que a maioria dos brasileiros não é estimulada a compreender o funcionamento do sistema político. 4.b) Convém expor que o parlamento, a exemplo da Constituinte de 1987/1988, representa o poder legislativo, ou seja, é responsável por propor e aprovar ou não as leis que regem o país. Além disso, tem o papel de fiscalizar o poder executivo, além de conduzir os debates de interesse nacional, respeitando o que consta na Constituição Federal, nossa Lei Maior. 4.c) Ao responderem sobre a participação no processo eleitoral e a importância do voto, espera-se que os estudantes compreendam que se trata de uma grande responsabilidade, pois ao escolher um candidato ou mesmo deixar de votar, precisamos estar conscientes de que estamos entregando a alguém o poder sobre nossos interesses. Como esse poder tudo é afetado: nossa família, nosso trabalho, nossa saúde, nossa segurança, nossa alimentação e muito mais. 4.d) Espera-se que os estudantes concluam que, embora o voto seja secreto, nada impede que as pessoas dialoguem sobre os candidatos, troquem ideias, avaliem individualmente, em família e junto à comunidade as propostas e o currículo desse candidato, afinal é como se estivéssemos empregando um funcionário que irá trabalhar, não em uma empresa, mas na nossa cidade, no nosso estado, no nosso país e precisamos que ele seja um excelente funcionário para toda a população. 5) Quanto ao G20, é oportuno informar aos estudantes que se trata de um grupo que reúne não 20, mas 19 países e a União Europeia, que é um bloco de países europeus. Esse grupo se reúne anualmente para discutir questões relevantes para os países membros, sobretudo no campo econômico. Chame a atenção para a quantidade de países europeus presentes nesse grupo que é muito maior que o número de países latinoamericanos, africanos e asiáticos, o que inevitavelmente nos leva a pensar que interesses centrados na Europa podem prevalecer sobre os interesses dos demais países e continentes, sobretudo os que já enfrentaram longos anos de submissão e colonização. Se achar oportuno, o professor de Geografia poderá aprofundar essa discussão e até propor uma pesquisa sobre o G20.

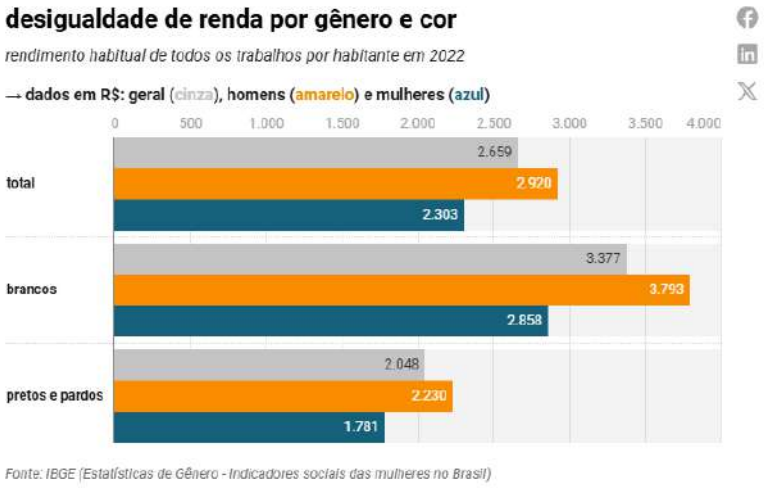
AS DESIGUALDADES DE GÊNERO DENUNCIADAS E DISCUTIDAS NA ARTE, NOS NOTICIÁRIOS E NAS REDES SOCIAIS:

Entenda a desigualdade de gênero no Brasil em três gráficos

O Instituto Brasileiro de Geografia e Economia (IBGE) divulgou em 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o estudo "Estatísticas de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil" do ano de 2024. O levantamento serve como um mapa da desigualdade de gênero no país, passando por temas como trabalho, educação e representação política.

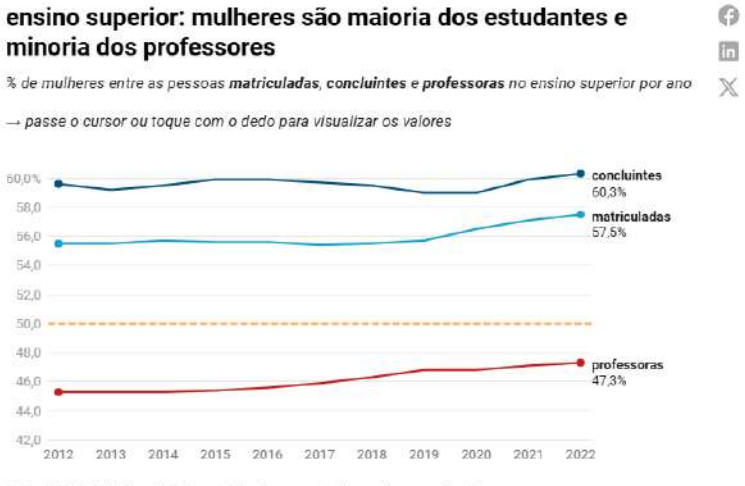
Selecionamos alguns dados do IBGE que ajudam a mostrar a situação atual de disparidade social e econômica entre homens e mulheres. Veja nos gráficos abaixo:

1. Gráfico Trabalho e Salário:
O estudo do IBGE indica o rendimento médio dos brasileiros, estratificado por gênero e cor da pele. O rendimento de uma mulher negra é, em média, 47% o de um homem branco, segundo o IBGE: R$ 1.781 ante R$ 3.793.



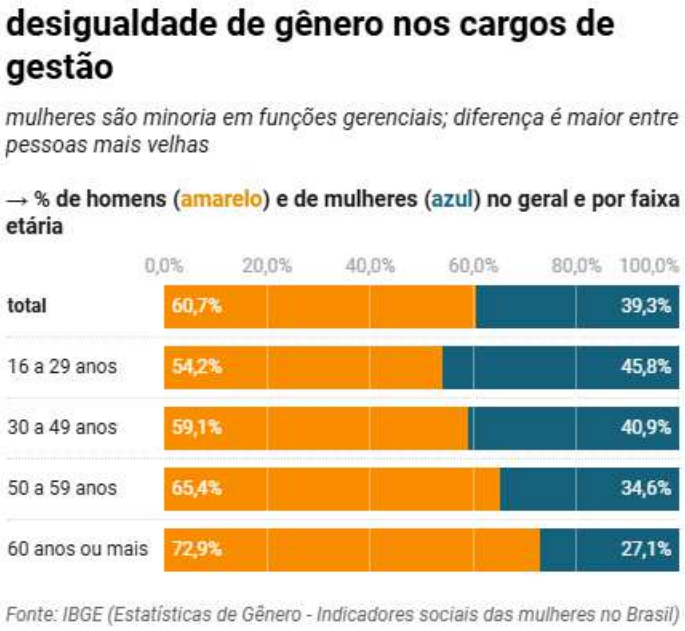
Fonte: IBGE (Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil)

2. Ensino Superior: Formação e Trabalho:
Os dados mostram que mais da metade dos alunos matriculados no ensino superior são mulheres e que a taxa fica mais alta quando se considera os estudantes que estão concluindo os cursos. Ainda assim, elas são minoria no quadro de professores dessas mesmas instituições.



Fonte: IBGE (Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil)

3. Gráfico Cargos de Gestão/Chefia:
Um recorte do mercado de trabalho que evidencia a desigualdade: mulheres são minoria em funções gerenciais, em uma relação de 60 X 40. A diferença aumenta com a idade – quando se considera pessoas de 60 anos ou mais, só 27,1% dos cargos de gerência são ocupados por mulheres.



Informações e gráficos adaptados de:
congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/veja-a-desigualdade-de--genero-no-brasil-em-sete-infograficos/

Após ler a matéria e analisar os gráficos apresentados, responda:

1) O gráfico "Trabalho e Salário" mostra um comparativo entre a remuneração de homens e mulheres em três cenários: pessoas em geral, pessoas brancas, pessoas pretas e pardas. Considerando esses dados, quem recebe o pior salário?
2) O gráfico 2 mostra que mais mulheres buscam se especializar, cursando uma faculdade. Entretanto, na hora de ocupar um cargo mais elevado e com melhor remuneração, os homens têm preferência, como mostra o gráfico 3. Nesse mesmo gráfico, nota-se um fator que dificulta ainda mais a ascensão de uma mulher a um cargo de gestão. Que fator é esse?
3) Em 2022, qual o percentual de homens que atuavam como professores dos cursos superiores no Brasil?
4) A matéria se baseia em dados divulgados pelo IBGE no dia 8 de março. Levante hipóteses: qual é a relação dessa data com os dados estatísticos apresentados?
5) O que significa IBGE e qual é a função e a importância desse órgão?

ORIENTAÇÕES

Professor(a), a leitura, interpretação e reflexão sobre dados fornecidos em gráficos é uma habilidade que deve ser trabalhada e desenvolvida na escola. Caso queira, é importante trazer outras questões e outros dados/gráficos, a partir desses aqui sugeridos. Quanto às questões propostas: 1) Espera-se que o estudante conclua que, de acordo com o gráfico, as mulheres pretas e pardas são o grupo que recebe o pior salário; 2) O fator que dificulta ainda mais a ascensão das mulheres a cargos com maiores salários é a idade, ou seja, quanto mais velhas, menores as chances de ocupar cargos de liderança e com maiores salários; 3) O gráfico só apresenta o percentual de mulheres (professoras) atuando em cursos superiores, que é de 47,3%. A partir disso, infere-se que os professores (homens) representam um total de 53,7%, ou seja, são a maioria; 4) A matéria apresenta dados estatísticos que comprovam a desigualdade de salário e de oportunidades de empregos, focando nas diferenças entre homens e mulheres e mostrando o quanto as mulheres ainda estão em condições de desvantagem e precariedades. Apresentar esses dados no dia 08 de março se justifica para fortalecer a ideia de que o Dia Internacional da Mulher é um dia que demarca a luta por melhores condições para o gênero feminino, tanto em relação a essas demandas do mundo do trabalho, quanto em outras pautas como a segurança e a saúde da mulher; 5) IBGE é a sigla do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um órgão fundado em 1938, cuja função é fazer, periodicamente, levantamento de dados, a fim de prover informações quantitativas e qualitativas sobre a população e o território brasileiro, sobre seu quadro socioeconômico e ambiental/geográfico, o que nos ajuda a conhecer melhor nosso próprio país, tão grande e tão diverso. Além disso, desde 1967, o órgão é vinculado ao Ministério da Economia, fornecendo um "retrato" do Brasil que ajuda a pensar políticas públicas e estratégias na área econômica. O censo demográfico é um dos principais e mais completos estudos feito pelo IBGE e a participação da população nesse estudo deve ser encarada como uma responsabilidade civil de grande importância. Professor/a, é oportuno apresentar a página do IBGE aos estudantes e até mesmo verificar a possibilidade de propor uma visita à sede do IBGE, que fica na capital Vitória, ou a uma de suas Agências no Espírito Santo.

Leia abaixo dois textos que abordam o mesmo tema:



CAPRICHO

HORÓSCOPO * TESTES * SOCIEDADE * ENTRETENIMENTO * MODA * BELEZA * COMPORTAMENTO

COMPORTAMENTO

O que é o movimento 'tradwife' que cresce nas redes sociais?

Inspiradas nos anos 50, mulheres compartilham a ideia de ser uma esposa tradicional, dedicada à casa e aos filhos, e que precisa sempre agradar o marido

POR **JULIANA MORALES** ATUALIZADO EM 29 OUT 2024, 15H55 – PUBLICADO EM 21 ABR 2024, 15H00

Existe um nicho nas redes sociais de mulheres que postam vídeos arrumando a casa, cozinhando, colocando a mesa do jantar, cuidando dos filhos. Ok, e qual é o problema disso? Poderia ser mais um conteúdo aleatório da internet ou uma estética que está na moda. Acontece que existe toda uma ideologia por trás dessa comunidade de mulheres "do lar".

Estamos falando do movimento tradwife – abreviação para "traditional wife" ou, em português, "esposa tradicional" – que tem crescido nas redes sociais nos últimos anos. Com grande inspiração nos anos 1950, essas mulheres exaltam uma vida inteiramente dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos, além da submissão ao marido.

A norte-americana Estee Williams, 25 anos, acumula mais de 180 mil seguidores no TikTok, com seus vídeos sobre a vida de uma esposa tradicional, dicas para atrair um "homem provedor" e a defesa dos tradicionais papéis de gênero.

"O homem é o provedor: ele sai de casa e vai trabalhar. A mulher é a dona de casa, cuida do lar e da sua aparência, cozinha e arruma a casa", explica em um de seus vídeos sobre como ser uma esposa tradicional. Em outro TikTok, ela conta que não sai de casa à noite sozinha e sempre que precisa sair pede permissão ao marido.

QUAL O PROBLEMA DO MOVIMENTO 'TRADWIFE'?

Estee Williams diz que tem o direito de escolher cuidar da casa, marido e filhos – e, sim, ela está certa. Assim como as mulheres que querem trabalhar fora e ter seu próprio salário. O problema é quando essas escolhas se tornam um movimento que pressiona outras mulheres a ocuparem certo papel e romantizam o patriarcado – ignorando aspectos sociais e étnico-raciais, fundamentais nessa discussão.

Alice Bianchini, doutora em Direito Penal e especialista em violência de gênero, debateu isso em suas redes sociais. No post, ela diz que "o movimento vende um ideal conservador e de opressão contra outras mulheres que não se encaixam nesse papel - aquelas com vida acadêmica e profissional, e que têm como companheiros homens com quem dividem os afazeres domésticos".

Ao analisar esse movimento nas redes, Alice chama atenção para a imposição da submissão ao homem, a romantização da desigualdade de gênero em relações, a propagação de estereótipos equivocados e a definição de que essa postura é a única correta e aceitável na sociedade.

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE AO LONGO DOS ANOS

Antes da chamada Revolução Industrial, as mulheres não trabalhavam fora de casa. Esse cenário mudou com a chegada das fábricas têxteis que passaram a absorver a mão de obra feminina, principalmente como forma de baratear os custos das empresas, já as mulheres se submetiam a uma carga de trabalho maior e recebiam salários menores. Segundo Marlene Mota Zamariolli, em seu artigo “A Mulher na Política”, “a mulher tinha que cumprir jornadas de trabalho de até 17 horas diárias, em condições insalubres, sendo submetida a humilhações e espancamentos, chegando a ter desvantagem salarial de até 60% em relação aos homens. Com este cenário de exploração e injustiça surgiram manifestações operárias, pela Europa e Estados Unidos, tendo como principal reivindicação a redução da jornada de trabalho para oito horas por dia”. Apesar das condições de trabalho para as pessoas do sexo feminino terem sido ainda mais precarizadas, certamente o emprego da mão de obra feminina foi importantes para a emancipação das mulheres.

Acontece que hoje, com vários direitos conquistados, as mulheres ainda são as principais encarregadas de cuidar das funções domésticas. Assim, acabam ficando mais sobrecarregadas, com uma longa jornada de trabalho, pois precisam se dividir entre cuidar da casa, dos filhos, da vida pessoal e da vida profissional. Com esse acúmulo de tarefas e a invisibilidade do trabalho de cuidado, sobretudo no que se refere à remuneração, há um desgaste físico e mental muito grande entre as mulheres e muitas acabam acreditando e defendendo a ideia de que a solução para esse desgaste é abandonar a vida profissional fora de casa, dedicando-se exclusivamente ao lar.

Texto adaptado de:
capricho.abril.com.br/comportamento/o-que-e-o-movimento-tradwife-que-cresce-nas-redes-sociais



Durante séculos, donas de casa são tidas como mulheres que “não trabalham”, como se lavar, passar, cozinhar e cuidar dos filhos não gerasse desgastes, inclusive físico. Dados de 64 países, levantados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), revelam que 16 bilhões de horas são gastas com trabalhos não remunerados por dia, ou seja, dois bilhões de pessoas trabalhando oito horas por dia sem remuneração. Se esse serviço fosse pago no valor de um salário mínimo seria quase 10% do PIB global. “O trabalho doméstico é um exemplo de trabalho não remunerado e é, majoritariamente, realizado por mulheres. Quanto as famílias gastariam ou quanto precisariam de políticas públicas para ter creches integrais, comprar alimentação pronta, lavar roupas em lavanderias?”, questiona Regina Stela Vieira, professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Responsabilidades além do gênero

Nos últimos casos de denúncias de trabalho doméstico análogo à escravidão, nos quais os empregadores alegaram que as funcionárias eram membros da família, evidencia-se mais uma vez a naturalização do papel da mulher como cuidadora, como se fosse um dom e, ainda, “mostra a perversidade que opera a sociedade quando, somado o gênero a outros marcadores – como raça, etnia e classe social –, fica evidente quem é mais ou menos responsabilizado por esse tipo de trabalho”, comenta Regina Vieira.

As mulheres são mais de 90% das trabalhadoras domésticas no Brasil e 65% são negras e nas últimas denúncias de trabalhos análogos à escravidão nessa função todas eram negras. E as denúncias desse tipo de trabalho aconteceram em famílias tidas como tradicionais ou de cidadãos de bem. “O engenheiro brasileiro que pediu clemência à justiça norte-americana por ter sido denunciado por manter a funcionária em regime de trabalho escravo usou como justificativa para não ser condenado a afirmação de que era um alto profissional e isso arruinaria a sua vida, como se ele não tivesse arruinado a vida da mulher que explorou”.

Para a professora Regina, reforçar a ideia de que existe uma família tradicional como sendo o ideal social acaba excluindo os diversos modelos de família e retira dos governantes responsabilidades previstas na Constituição, como a proteção social, um direito de todos e responsabilidade do Estado. “Ignoram-se, portanto, as famílias monoparentais, que no Brasil são mais de 80% chefiadas por mulheres, e as duplas e triplas jornadas assumidas por elas quando precisam somar trabalho dentro e fora de casa, situação que se agrava quando elas não contam com redes de cuidado, ajuda de familiares ou vagas em creches ou outros equipamentos públicos”.

O reforço social do papel da mulher como “rainha do lar” pressupõe que elas arquem com todo trabalho de cuidado caladas, sem amparo. “’Refamiliarizar’ esse cuidado gera sobrecarga apenas sobre as mulheres, pressionando para que elas abandonem seus projetos pessoais”, afirma Regina. A professora finaliza dizendo que, ao criar a imagem de uma família tradicional, socialmente idealizada, acaba-se por marginalizar grupos inteiros e nega amparo e políticas públicas para muitas outras realidades. “Colocar responsabilidades para as mulheres é fácil, mas o que precisamos é de políticas públicas que incorporem o cuidado e suas preocupações para que se garanta de fato igualdade no Brasil”.

Texto adaptado de:
jornal.usp.br/atualidades/reforcar-o-papel-social-de-rainha-do-lar-sobrecarrega-apenas-a-mulher/

Após ler as duas matérias apresentadas anteriormente, propomos um debate. Siga as instruções abaixo:

1) O ideal é que a turma esteja organizada em uma grande roda, de modo que todos possam se ver e se ouvir atentamente e sem interferências.
2) Para cada rodada, haverá um questionamento norteador. Aqueles que queiram responder esse questionamento devem se inscrever para falar, respeitando o tempo estabelecido e apresentando uma boa argumentação.
3) Para auxiliar na organização da ordem e do tempo de fala, o professor e a turma poderão escolher um ou dois colegas.
4) Para o direito à réplica e tréplica, é necessário fazer uma nova inscrição. É fundamental manter o respeito durante todo o debate, sabendo lidar com as divergências de opinião.
5) Para orientar o debate, apresentamos as seguintes proposições:

a) A sobrecarga física e mental das mulheres se deve ao acúmulo das tarefas domésticas com as atividades profissionais, que muitas exercem fora de casa. O abandono da vida profissional e a dedicação exclusiva ao lar e aos filhos poderia solucionar esse problema?

b) Quando se trata de trabalho relacionado aos cuidados (de pessoas idosas, de pessoas com deficiência, de crianças pequenas e da própria manutenção da vida - lavar, passar, cozinhar), a divisão de tarefas entre homens e mulheres já é uma realidade em diversos lares. Diante disso, é possível dizer que esse problema já está superado?

c) Muitos empregadores se preocupam na hora de contratar mulheres que são mães, mas não têm a mesma preocupação em relação aos homens, quando estes são pais. Esse problema pode ser solucionado por políticas públicas que amparem e apoiem as mulheres que são mães e precisam trabalhar fora ou o governo não deve interferir nessas questões?

Leia a letra e compare a letra de duas músicas. Depois, ouça o áudio ou assista ao clipe:

Triste, Louca ou Má (Francisco El Hombre)

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

ORIENTAÇÕES

Professor(a), o debate e a argumentação oral são atividades muito ricas para serem trabalhadas em sala de aula, pois permite que os estudantes exercitem a expressividade, a capacidade de comunicação, a escuta atenta, o respeito diante das divergências e a abordagem dinâmica sobre temas importantes.

As leituras propostas acima, bem como sugestões de pesquisa sobre o tema do debate podem ser indicadas com antecedência, a fim de que os estudantes possam se preparar e elaborar melhor seus argumentos. As perguntas norteadoras podem ser adaptadas para melhor se adequarem a cada turma/contexto.

Caso perceba que a turma não é muito engajada ou que a maioria dos estudantes falam pouco, são tímidos, uma boa estratégia é dividir a turma em grupos e escolher alguns representantes para falarem em nome de cada grupo.

É possível gravar o debate, a fim de assistir com os participantes posteriormente e avaliar o desempenho que tiveram.

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define, minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
(Eu sou meu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)

Compositores: Andrei Martinez Kozyreff / Juliana Strassacapa / Mateo Piracés-Ugarte / Rafael Gomes / Sebastián Piracés-Ugarte, Álbum Soltasbruxa, 2016.

Disponível em: *letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/.* Acesso em: 4/set./24.

Videoclipe

Francisco, El Hombre: Triste, Louca ou Má

https://youtu.be/lKmYTHgBNoE?si=sMxg4X5Z8NViZiLl

Maria Moita
(Carlos Lyra e Vinicius de Moraes)

Nasci lá na Bahia
De Mucama com feitor
Meu pai dormia em cama
Minha mãe no pisador
Meu pai só dizia assim, venha cá
Minha mãe dizia sim, sem falar
Mulher que fala muito perde logo seu amor

Deus fez primeiro o homem
A mulher nasceu depois
Por isso é que a mulher
Trabalha sempre pelos dois
Homem acaba de chegar, tá com fome
A mulher tem que olhar pelo homem
E é deitada, em pé, mulher tem é que trabalhar
O rico acorda tarde, já começa resmungar
O pobre acorda cedo, já começa trabalhar
Vou pedir ao meu Babalorixá
Pra fazer uma oração pra Xangô
Pra por pra trabalhar
Gente que nunca trabalhou
Pra por pra trabalhar
Gente que nunca trabalhou

Composição: Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, 1964

Videoclipe

Maria Moita

https://youtu.be/FRBykiTOkxE?si=oe4e52kuuLhk9Bzy

1) O título da primeira música apresenta três adjetivos que qualificam uma mulher: “Triste, louca ou má”. Por que, de acordo com a letra da música, uma mulher seria caracterizada dessa maneira?

- Releia os versos a seguir:

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

2) Que mudanças de atitude estão sugeridas nessa estrofe?
3) A palavra “mapa”, assim como a palavra “receita” que aparece nas duas estrofes iniciais, guardam que sentido metafórico nesse contexto?
4) O que você compreende ao ler os versos “Ela desatinou, desatou nós/Vai viver só”?
5) Quanto à segunda música, cujo título é “Maria moita”, a voz poética revela que sua mãe era “mucama” e seu pai era “feitor”. Faça uma rápida pesquisa e explique o que representavam essas duas funções no regime escravocrata colonial?
6) Ao falar de suas origens e de seus pais, o eu poético acaba denunciando uma relação de submissão e de exploração da mãe por parte do pai. Como isso se dava e como essa relação se vincula às condições de trabalho da mulher negra nos dias atuais?
7) Nas religiões de matriz africana, especialmente no candomblé, “babalorixá” é nome dado ao líder religioso e “Xangô” é considerado o orixá da justiça. Considerando essas informações, explique estes versos da canção: “Vou pedir ao meu Babalorixá/Pra fazer uma oração pra Xangô/Pra por pra trabalhar/Gente que nunca trabalhou”.
8) Ainda em relação aos versos, considerando o contexto da letra, quem seria essa “gente que nunca trabalhou”?

- No dia 08 de março, celebra-se o Dia Internacional da Mulher. Veja a seguir, o cartaz publicado no site de uma organização, nessa ocasião:



Disponível em: *cefuria.org.br/agenda/marcha-de-8-de-marco-nao-e-por-rosas-e-pelo-direito-das-mulheres/*

9) Diante do que estudamos até aqui em relação às desigualdades de gênero existentes no Brasil e em outras partes do mundo, explique a frase presente neste cartaz e expresse o que você pensa sobre essa mensagem.

ORIENTAÇÕES

Professor/a, esta atividade pode ser complementar à atividade de debate. Quanto às questões: 1) Espera-se que os estudantes infiram que, pela letra, entende-se que esses adjetivos do título revelam o tipo de caracterização que se faz da mulher que se rebela contra as convenções sociais, que não quer se submeter ao papel que normalmente lhe é dado - de fragilidade, de delicadeza, de cuidado, de vítima, cumprindo a função de esposa subserviente ao marido, à casa e aos filhos. A mulher que não quer nada disso seria uma mulher "triste, louca ou má". 2) Nessa estrofe são sugeridas exatamente as atitudes reveladas pelos verbos "reinventar" e "traçar" uma nova história, um novo modo de lidar com a feminilidade, superando a condição de "vítima" e de "alvo de caça"; 3) No contexto, a palavra "mapa", assim como a palavra "receita", guarda o sentido metafórico de "norma" ou "modelo" ideal a ser seguido; 4) Espera que os estudantes concluam que os versos indicam que uma mulher, "ela", deixou-se perder, se desvencilhou de amarras e convenções sociais, como um casamento ou uma relação abusiva, e decidiu viver sozinha, por conta própria, independente; 5) Caso os estudantes não se lembrem ou não tenham estudando o regime escravocrata, é interessante dialogar sobre esse assunto e explicar que haviam diferentes papéis destinados aos escravos nesse contexto, alguns trabalhavam na lavoura e em tarefas externas, mas havia aqueles que trabalhavam na casa, servindo diretamente aos senhores. As mucamas, por exemplo, eram mulheres negras que desempenhavam funções domésticas, acompanhavam as senhoras em passeios e atividades fora de casa, cuidavam das crianças e até amamentavam os bebês. Nas grandes propriedades coloniais, havia também a figura do feitor, um homem livre e assalariado, cuja função era vigiar e fiscalizar o trabalho dos escravos, impondo castigos caso eles descumprissem as regras ou tentassem fugir; 6) Percebe-se que essa mulher, mãe do eu lírico, acabava servindo ao seu marido, não como esposa, mas como uma serviçal, como uma escrava. Percebe-se que ela não podia se expressar, não tinha o direito de dormir na cama e dormia no chão e ainda precisava trabalhar sem parar para cuidar e satisfazer o homem a todo instante. Esse tipo de exploração da mulher negra se reflete até hoje em nossa sociedade, pois a maior parte do trabalho de cuidado e do trabalho doméstico é realizado pela mulher negra. Além disso, esse tipo de trabalho está entre os que recebem a pior remuneração, o que revela a falta de valorização como efeito dos séculos de exploração do trabalho das escravizadas; 8) Os versos apresentados revelam que a voz poética mantém uma relação com a ancestralidade herdada da mãe, por isso acredita que a intervenção de Xangô, orixá da justiça, poderá romper com a lógica de exploração do povo negro e pobre, que historicamente fica com o trabalho mais pesado e não é bem remunerado, enquanto dá conforto e enriquece os que nunca trabalharam duro; 8) Provavelmente, o eu lírico se refere aos ricos, aos senhores, donos de terras e seus herdeiros, àqueles que pertencem a uma classe social mais elevada e submete os mais pobres a trabalhos exaustivos e mau remunerados; 9) Quanto à frase do cartaz do Dia Internacional da Mulher, espera-se que os estudantes compreendam que há nela um protesto, uma oposição às formas de "homenagem" que acabam reduzindo a luta das mulheres, quando se deveria discutir mudanças reais e a garantia de direitos por condições de trabalho e de remuneração iguais às dos homens, nos diversos setores profissionais.

DESIGUALDADE QUE SE SENTE NA PELE: INTERSEÇÕES ENTRE DESIGUALDADE SOCIAL E RACISMO

Para iniciar esta temática, vamos assistir a um vídeo produzido pelo Oxfam Brasil:

https://www.youtube.com/watch?v=u4ZeP3n9E-0

Colonialismo e as bases do racismo estrutural

A colonização representa uma prática baseada na superioridade cultural de um povo sobre outro. No território brasileiro essa prática significou o extermínio quase total dos povos originários; a apropriação das riquezas minerais e vegetais por parte dos países europeus colonizadores, principalmente de Portugal; e a migração forçada e violenta de milhares de povos vindos do continente africano para servir de mão de obra escrava nas lavouras de cana de açúcar e em todo tipo de trabalho pesado.

Roubo, exploração, violência, matança: essas são as palavras que resumem a base da nossa história, a partir da chegada dos europeus na América do Sul. A escravização de pessoas negras perdurou por 300 anos. O Brasil foi o último país do mundo a cessar o tráfico negreiro e a conceder liberdade aos escravizados e, ainda assim, só o fez devido a intensas lutas de resistência internas e às pressões externas por parte dos países que já não consideravam a escravidão uma prática moralmente aceita.

Embora a Lei tenha concedido liberdade e tenha marcado o fim da escravidão, na prática os abusos, a perseguição e a violência contra as pessoas de origem africana continuaram e perduram até os dias atuais. Com o fim da escravidão e a instituição da República, o Governo brasileiro iniciou uma política de embranquecimento da população. Por adotar a Europa como modelo de avanço e superioridade, nossos governantes compreendiam que ter uma população com um número tão grande de pessoas pretas era motivo de vergonha e de atraso, por isso a imigração de pessoas brancas, vindas da Europa, passou a ser fortemente

ORIENTAÇÕES

Professor(a), antes de exibir o material, peça aos estudantes que respondam algumas das perguntas feitas às pessoas entrevistadas no vídeo: Existe racismo no Brasil? Como você sente o racismo no seu dia-dia? Você usa serviços públicos? Quais? Você sabe que impostos você paga e como eles são cobrados? Você acha que os impostos são cobrados de maneira justa no Brasil?

Pode ser interessante que os estudantes anotem as respostas no caderno, a fim de comparar com as respostas dos colegas e com o que pensam as pessoas que aparecem no vídeo.

Após a exibição do vídeo, é importante organizar um momento de diálogo e reflexão, principalmente para falar da relação entre racismo e desigualdade no Brasil, mas também para discutir a importância dos serviços públicos para as pessoas mais pobres, a importância dos impostos para manter esses serviços e, em contrapartida, a injusta política de tributação no Brasil.

A partir dessas discussões, você conseguirá fazer uma boa contextualização para as próximas atividades.

estimulada, pois acreditava-se que a miscigenação, em algumas gerações, iria “limpar” e “clarear” a população a população brasileira.



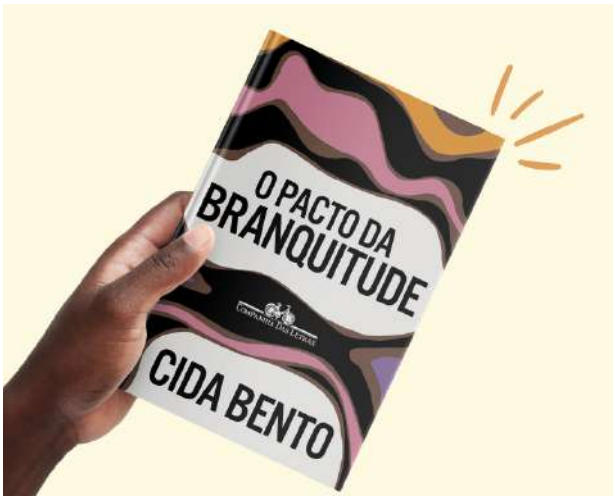
“A redenção de Cam”, Modesto Brocos, 1895. O quadro representa a teoria supostamente científica do branqueamento.

Obviamente, a teoria do branqueamento se mostrou falha. A tentativa de apagar a história e as heranças da escravização, porém, permanece viva, se transforma e se renova em diferentes práticas racistas facilmente visíveis em nosso cotidiano, muitas vezes contando com o aval de representantes do Estado ou com a sua completa omissão. E se hoje práticas racistas são denunciadas e criminalizadas no rigor da Lei, é graças à luta, à resistência e à força coletiva dos grupos e movimentos sociais que não se calam e que buscam reafirmar seus direitos e seus espaços.

Propomos a leitura de um trecho inicial do livro O Pacto da Branquitude, que fala sobre a persistência do racismo e da segregação racial em nossa sociedade:

O Pacto Narcísico da Branquitude

por Cida Bento



Certa vez, quando meu filho Daniel Teixeira tinha dez anos, chegou em casa muito irritado, dizendo que não voltaria à escola, pois não queria participar das aulas de história sobre escravidão. O responsável por aquele comportamento era um colega de sala branco, que, enquanto voltava para casa com Daniel, apontou para alguns garotos negros limpando para-brisas no semáforo, em troca de algumas moedas, e disse de maneira debochada: "Aqueles meninos também são descendentes de escravos! É uma vergonha, né?".

Ao ouvir esse relato, fiquei em silêncio, matutando. Naquele dia, dormi atormentada. Mesmo depois de uma aula de história em que o tema era escravidão, o menino dizia que era uma vergonha ser descendente de africanos escravizados. Mesmo depois de ouvir sobre as violências e os abusos incessantes sotridos pelos negros, de ver retratos de navios negreiros abarrotados de seres humanos em condições brutais, com o corpo marcado a ferro, de ler que o trabalho que exerciam ao chegar ao Brasil era forçado, o garoto branco disse que ser negro era motivo de vergonha.

Daniel não poderia acreditar naquilo. Por isso, no dia seguinte decidimos fazer uma lista, incluindo os feitos tanto dos escravocratas quanto dos escravizados pelo nosso país. O lado dos escravocratas incluía expropriação de trabalho, violência física e psicológica, estupros, invasões, exploração de recursos naturais e tantas outras barbaridades.

Já do lado dos escravizados era curto: vieram à força a um país desconhecido para trabalhar, sem remuneração, produzindo riquezas para o colonizador em troca da própria vida. Não havia por que se envergonhar por ter antepassados escravizados, ao contrário, apenas ter orgulho do que construíram, apesar das adversidades.

Daniel ficou mais tranquilo, mas eu não. O colega de sala do meu filho não conseguia perceber que, enquanto branco e com comentários daquele tipo, ele perpetuava um estigma muito antigo, que desde cedo cria diferenças e hierarquias nas narrativas sobre negros e brancos. O menino não via que eram pessoas do grupo racial a que ele pertence - branco - que haviam protagonizado a escravidão dos negros. E isso, sim, poderia ser motivo de vergonha.

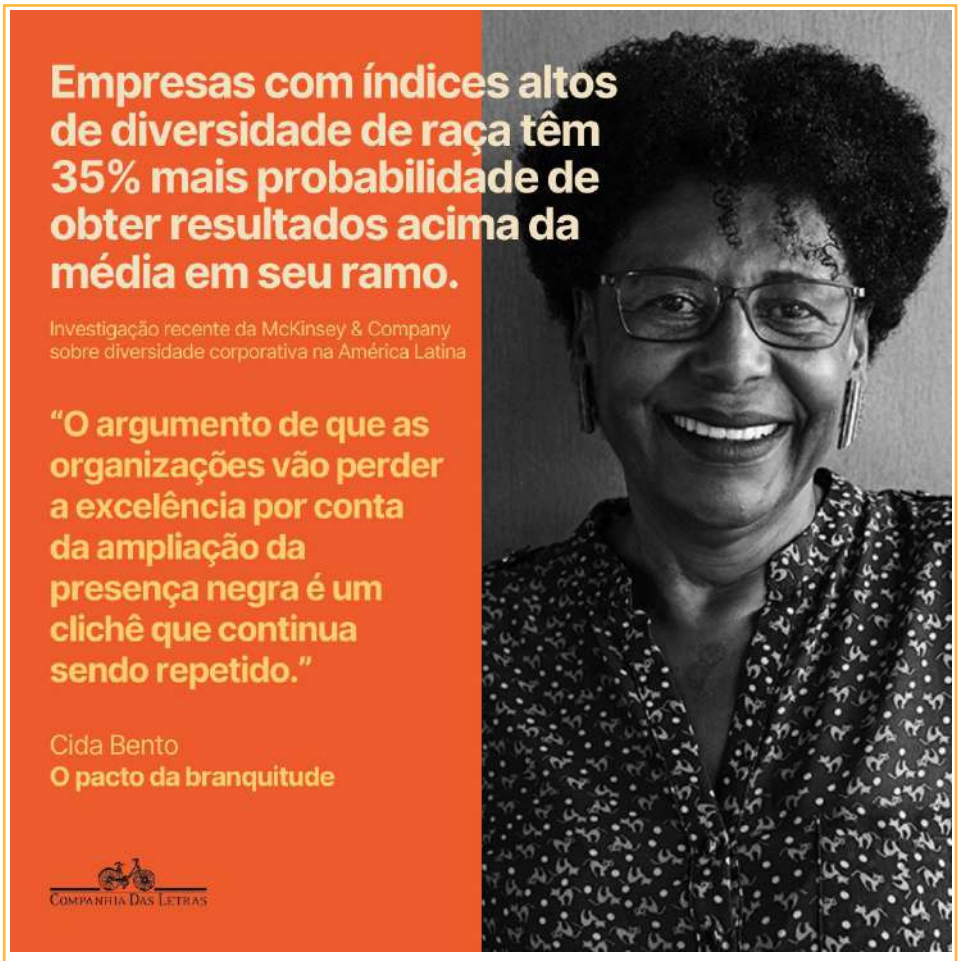
[...]

Embora a população negra seja majoritária entre os pobres e desempregados no Brasil, não há como negar o contingente populacional branco que compõe o imenso grupo das pessoas sem emprego no país, além de brancos fazerem parte da população que mora nas favelas. No entanto, é fundamental observar também que nos altos postos de empresas, universidades, do poder público, enfim, em todas as esferas sociais, temos, ao que parece, uma cota não explicitada de 100% para brancos. Esses lugares de alta liderança são quase que exclusivamente masculinos e brancos.

Quando trabalhava como recrutadora de pessoal, vivenciei diferentes situações em que essa preferência por brancos ficava evidente. Por exemplo: no processo seletivo para a vaga de secretária num banco, enviei duas mulheres negras para a entrevista inicial com a chefia e recebi uma bronca, por telefone, do contratante. "Não te disseram que neste banco não se contratam negras como secretária?", perguntou ele, que não sabia que falava com uma pessoa negra. Não, ninguém me havia dito.

Com o tempo entendi: secretárias são o “cartão de visita” da empresa, a primeira pessoa que um cliente vê ao chegar. O banco não queria que seus clientes fossem recepcionados e acolhidos por mulheres negras, mas sim por brancas. Fui recrutadora, chefe de seleção e executiva de Rh, algo raríssimo para uma mulher negra naquela época, construí uma carreira como especialista em processo de seleção e vi cenas como essa se repetirem incontáveis vezes.

In: O Pacto da Branquitude. Companhia das Letras, São Paulo, 2022.



Em “O pacto da branquitude”, Cida Bento - eleita, em 2015, pela The Economist, uma das cinquenta pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade - denuncia e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais.

A autora se dedicou a investigar esse modelo, que se repetia nas mais diversas esferas corporativas, e a desmistificar a falácia do discurso meritocrático. O que encontrou foi um acordo não verbalizado de autopreservação, que atende a interesses de determinados grupos e perpetua o poder de pessoas brancas. A esse fenômeno, Cida Bento deu o nome de “pacto narcísico da branquitude”.

Disponível em:
linkedin.com/posts/companhia-das-letras_cidabento-literatura-frase-activity--7127248461762052096-Otox

QUESTÕES PARA PESQUISAR E REFLETIR:

1) Você já conhecia a tela "A redenção de Cam"? Quem é Cam? O que significa a palavra "redenção"?
2) No contexto em que foi pintada e exposta, a tela representava não só uma grande qualidade artística, mas também o ideal de progresso, de avanço perseguido pela República. Em que se baseava esse ideal de "progresso"? Que povo e que cultura eram tomados como referência? Dialogue com seus colegas e professores para trocarem informações mais detalhadas sobre esse assunto.
3) Com o fim da escravização, a "liberdade" concedida aos ex-escravizados não se concretizou, pois a maioria não tinha terra para onde ir, casa para morar, salário para sobreviver. O desamparo a essas pessoas fazia parte de uma política de extermínio e acabou se tornando uma forma de continuar submetendo os afrodescendentes às piores condições de trabalho. Na sua opinião, o que as autoridades poderiam ter feito para amparar e dar uma vida digna às pessoas libertas da escravidão?
4) Ao avaliar as condições atuais de vida, de trabalho, de oportunidades, você diria que a escravidão realmente acabou? Por quê?

ORIENTAÇÕES

Professor(a), quanto às questões propostas: 1) espera-se que os estudantes saibam ou busquem saber que Cam é um personagem bíblico, do livro do Gênesis. Ele era filho de Noé e foi amaldiçoado por ter visto o pai embriagado e sem suas vestes, mas ao invés de cobri-lo, foi contar aos irmão, demonstrando uma postura de escárnio e desrespeito. Uma interpretação racista dos escritos bíblicos passou a propagar a ideia de que os povos africanos, em especial as pessoas de pele negra, eram descendentes de Cam e, por isso, herdaram sua maldição, o que justificaria a escravização como castigo. Já a palavra "redenção" é sinônimo de "salvação" ou de "resgate" por intervenção divina. O título do quadro e a obra em si buscam resumir a ideia de que, pela submissão ao homem branco, por meio do trabalho e pela miscigenação, os negros seriam purificados e alcançariam o perdão da maldição de Cam, o que seria visível pelo branqueamento da pele de seus descendentes; 2) No contexto em que foi pintada, a obra ilustrava uma teoria cientificista/positivista chamada de teoria do branqueamento. No Brasil, essa teoria foi propagada como solução para alcançar o progresso, já que ter um grande contingente de pessoas negras era visto como sinal de "atraso" e, para se desenvolver, a população brasileira precisaria se assemelhar fisicamente aos Europeus, tomados como referência de civilização avançada. 3) Outra estratégia do governo foi a marginalização ou a tentativa de apagamento das pessoas negras e de seus descendentes, por isso, a abolição dos escravos não resultou necessariamente em um tratamento mais digno e humano, pelo contrário, os ex-escravizados foram abandonados à própria sorte, sem emprego, sem lar e ainda eram proibidos de possuir terras, de se manifestar culturalmente e de ocupar diversos espaços políticos e sociais. Espera-se que os estudantes concluam que políticas de reparação, como indenização pelo tempo de trabalho forçado e concessão de terras para plantar e viver, poderiam ter minimizado as consequências da escravidão, como as desigualdades e o racismo, e ainda garantiriam alguma dignidade aos afro-brasileiros; 4) O tratamento dado a pessoas pretas em nossa sociedade, a destinação às formas de trabalho mais precarizadas e de menor remuneração, bem como a lentidão em implementar políticas afirmativas, como a Lei de Cotas, são demonstrações de como o racismo permanece vivo em nossa sociedade, reiterando o trabalho desempenhado por pessoas negras em novas formas de escravização, seja pela dificuldade dessas pessoas em acessarem os melhores cargos e salários, seja pela submissão a condições de exploração pela necessidade de sobrevivência.

5) A denúncia feita por Cida Bento, em seu livro, "O Pacto da Branquitude", se baseia em situações vividas por ela própria e por seus familiares que, mesmo estudando e se qualificando para um bom emprego, ficavam de fora das vagas ofertadas pelas empresas.
a) A partir da sua leitura e das discussões, explique o que é o "pacto da branquitude" e como ele se faz presente no cotidiano.
b) Que trecho específico do texto pode ser tomado para resumir essa ideia de um pacto formado pela branquitude?
c) Procure saber com detalhes o que é a "política de cotas" para acesso a vagas de formação e de trabalho em instituições públicas.
d) Explique como a política de cotas procura reparar as crueldades cometidas contra o povo negro ao longo da história do Brasil.

ORIENTAÇÕES

Sobre esse grupo de questões e reflexões: 5.a) espera-se que os estudantes compreendam que esse "pacto" não é explícito nem verbalizado, mas se trata uma série de atitudes e comportamentos que formam um padrão percebido pela autora do texto, em que o objetivo é a autopreservação de um privilégio branco, reiterando os interesses de determinados grupos e perpetuando o poder das pessoas brancas sobre as pessoas negras; 5.b)

O trecho que deixa explícito o que é o "pacto da branquitude" está no 6º parágrafo: "[...] é fundamental observar também que nos altos postos de empresas, universidades, do poder público, enfim, em todas as esferas sociais, temos, ao que parece, uma cota não explicitada de 100% para brancos. Esses lugares de alta liderança são quase que exclusivamente masculinos e brancos."; 5.c) A atual Lei de Cotas, nº 12.711/2012, foi implementada em 2012 e obriga que metade das vagas em Universidades e Institutos Federais sejam reservadas à pessoa pretas e de baixa renda, oriundas de escolas públicas.Em 2016, a Lei passou a contemplar também as pessoas com deficiência. Atualmente, esse tipo de política afirmativa também é adotada em concursos públicos e outros processos seletivos. É importante aproveitar a questão levantada para discutir com os estudantes o histórico dessa Lei, que inicialmente foi recebida com muita polêmica e precisou ter sua constitucionalidade aprovada pelo STF. 5.d) Espera-se que os estudantes compreendam como essa política beneficia um grupo social que praticamente não conseguia chegar ao Ensino Superior, em poucos anos o perfil universitário no Brasil, que era majoritariamente branco, sobretudo nos cursos de ponta, como Medicina, já mudou bastante. Apesar de toda a polêmica, essa política busca fazer o que deveria ter sido feito no pós-abolição, que é ofertar para os negros as mesmas chances, condições de crescimento e de participação social historicamente reservadas aos brancos e ricos.

6) O texto de Cida Bento inicia apresentando uma situação vivenciada por seu filho, Daniel Teixeira, na saída da escola. O menino branco, amigo de Daniel, depois de uma aula sobre escravidão no Brasil, viu um grupo de trabalhadores de rua negros e se referiu a eles com ar de rejeição, considerando vergonhoso o fato deles serem descendentes de escravizados.
a) Por que motivo Daniel não queria mais ir à escola?
b) Você acha que o amigo de Daniel realmente teve um bom aproveitamento do que foi ensinado na aula?
c) Hoje, Daniel Bento Teixeira é advogado e trabalha em defesa da equidade racial. Como você acha que a atuação de Cida Bento, sua mãe, contribuiu para a sua formação e atuação profissional?
d) Você sabe o que significa "antirracismo"? Procure saber e discuta com seus colegas e professores sobre a importância de se promover uma "educação antirracista".

ORIENTAÇÕES

Daniel provavelmente acreditava que a aula poderia mudar a forma como as pessoas brancas próximas a ele enxergavam e tratavam pessoas pretas como ele. Ao ver que seu amigo não tinha compreendido a dimensão das consequências da escravização e continuava pensando que os negros eram responsáveis pela situação de desigualdade e pobreza em que se encontravam, ele se decepcionou e se entristeceu. A atuação da sua mãe, Cida Bento, à época do episódio e depois, ao longo de toda a sua trajetória de vida, sem dúvida foi exemplar para Daniel, reafirmou sua autoestima e sua capacidade de transformar a sociedade, despertando nele o desejo de trabalhar em defesa dos direitos das pessoas não brancas.

O nome "antirracismo" engloba uma série de atuações, não apenas contra o racismo declarado, mas contra as diversas práticas que, mesmo veladas, impõem restrições à cidadania plena do povo negro. A situação vivenciada por Daniel na infância demonstra que as escolas precisam ir além do ensino de história e da cultura africana e afrobrasileira, como determina a Lei 10.639/03. É necessário e urgente promover uma educação antirracista efetiva, que inclui superar a culpabilização dos negros por sua condição subalterna na sociedade, superar o discurso meritocrático que pressupõe o esforço individual para "vencer na vida" e atribuir responsabilização às pessoas brancas e privilegiadas pela manutenção das desigualdades e do racismo. Uma educação antirracista deve, inclusive, ir além da escola, deve estar nos espaços de trabalho, de lazer e de convivência social, promovendo a compreensão de que todos, brancos e pretos, precisam assumir a luta pelos direitos e pela reparação dos danos deixados pela escravidão em nosso país, pois somente assim poderemos avançar enquanto sociedade.

IMAGENS DAS DESIGUALDADES NO BRASIL E NO MUNDO

Atualmente, quase todo mundo tem uma câmera fotográfica e filmadora na palma da mão. Todos se tornaram um pouco fotógrafos, um pouco jornalistas, registrando momentos privados e cotidianos ou ocorrências de interesse público, nas ruas da cidade.

Vamos ler uma matéria jornalística sobre uma forma diferente de fotografar:

Cenas Desiguais

Nas redes sociais, imagens e vídeos costumam mostrar de tudo, belas paisagens e belas cidades, eventos, atrações e pontos turísticos que todos desejam visitar e conhecer de perto. Assim, ao fazer uma viagem e conhecer uma nova cidade, raramente um turista irá se preocupar em registrar os problemas sociais e os cenários de pobreza, embora esses problemas e cenários estejam presentes na maioria das cidades ao redor do mundo.

Contrariando toda essa lógica, o fotógrafo profissional Johnny Miller (@johnny_miller_photography) resolveu fazer uma fotografia aérea, a fim de registrar um fenômeno que chamava sua atenção na Cidade do Cabo, na África do Sul, onde ele vive até hoje. A imagem capturada sintetizou o quadro de profunda desigualdade social daquele país, através do contraste entre a vizinhança rica e branca de Lake Michelle, formada por mansões milionárias à beira de um lago, e a comunidade pobre e negra de Masiphumelele, onde 38 mil pessoas vivem em barracos e se estima que até 35% da população esteja infectada com HIV ou tuberculose. Miller afirma que essa dinâmica desigual é um resquício da segregação imposta pela política do Apartheid.



Masiphumelele e Lago Michelle, Cidade do Cabo. Foto: Johnny Miller, 2016.

A foto do americano viralizou nas redes sociais e ganhou destaque na imprensa. A partir da atenção gerada pela fotografia, Miller resolveu criar o projeto “Unequal Scenes” (Cenas Desiguais), por meio do qual ele visita diversos países retratando, sempre a partir do alto, com o uso de drones ou helicópteros, como a desigualdade de renda se expressa na arquitetura e na organização urbana. Entre os países visitados e fotografados, está o Brasil. Mas ele tam-

bém já passou pela Argentina, pelo México, pela Índia e por diversos países, em quase todos os continentes, criando um acervo impressionante.

Quando esteve no Brasil, no ano de 2020, Miller realizou o sonho de conhecer pessoalmente o brasileiro Tuca Vieira, autor do mais icônico retrato da desigualdade nacional, que captou, no ano de 2004, o contraste entre a favela de Paraisópolis e os prédios de luxo do bairro do Morumbi, em São Paulo.



Foto: Tuca Vieira, 2004

Miller ressaltou sua admiração por Tuca Vieira e a influência do fotógrafo brasileiro sobre seu trabalho e, juntos eles sobrevoaram de helicóptero a cidade de São Paulo, a fim de refazerem a histórica foto, 16 anos depois, constatando que nada havia mudado.



Foto: Johnny Miller, 2020.

Miller atualmente é diretor de uma organização não-governamental na Cidade do Cabo chamada African Drone. O fotógrafo é um entusiasta da tecnologia e acredita que o seu uso é uma escolha política, além de estética.

Com as fotos do seu projeto, o norteamericano já recebeu diversos prêmios e bolsas de financiamento. Ele também trabalha com a ONU Habitat (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos, agência especializada da ONU dedicada à promoção de cidades social e ambientalmente sustentáveis), em programa voltado para reduzir as desigualdades espaciais e a pobreza através de iniciativas de regeneração urbanwa.

Texto adaptado de: *bbc.com/portuguese/geral-55327609*

Acesse o álbum "Johnny Miller-Unequal Scenes", por meio do link abaixo. Faça o exercício de olhar atentamente algumas das imagens capturadas por Miller:

https://www.canva.com/design/DAGTWnccJ28/_yBZhzG5qUk_vmyjvP-94nA/view?utm_content=DAGTWnccJ28&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=editor

QUESTÕES PARA PESQUISAR E REFLETIR:

1) As desigualdades têm origens históricas e muitas vezes deixam marcas no território, como nos mostra tão bem o projeto "Unequal Scenes", do fotógrafo de Johnny Miller, que teve início na Cidade do Cabo, na África do Sul. Miller é certeiro ao identificar as origens das desigualdades sociais desse país na política do Apartheid. Faça uma pesquisa e dialogue com seus colegas e professores de História e Geografia, a fim de responder:

- O que significa a palavra Apartheid?
- Onde aconteceu o regime político que recebeu esse nome e por quanto tempo perdurou?
- Que imposições e impedimentos foram trazidos por essa política?
- Quem foram os líderes que criaram resistência a essa política?
- Em que outras partes do mundo leis e políticas semelhantes foram adotadas?
- Conhecendo a história do Apartheid, na África do Sul, e a história do povo negro no Brasil, desde o período da escravidão até o pós-abolição, é possível afirmar que em nossa sociedade o Apartheid também existiu e ainda persiste em muitos aspectos. Cite alguns problemas sociais que confirmam essa ideia.

SUGESTÃO DE MATERIAL:

TEXTO *https://www.unama.br/noticias/voce-sabe-o-que-foi-o-apartheid*

VÍDEOAULA *https://www.youtube.com/watch?v=CRxrMwUpNEE*

VIDEORREPORTAGEM *https://www.youtube.com/watch?v=IA2n-xPBYsU*

2) O projeto de Johnny Miller, iniciado em 2016, foi influenciado pelo trabalho do fotojornalista brasileiro Tuca Vieira, em especial sua famosa fotografia registrada em 2004, onde se vê o luxo do bairro do Morumbi e a miséria da favela Paraisópolis, convivendo lado a lado, separados por um muro apenas. Faça uma pesquisa e dialogue com seus colegas e professores de Linguagens (Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa), a fim de responder:

- O que é fotojornalismo e qual a importância desse gênero ao longo da história?
- Que fotógrafos brasileiros mais se destacam nesse gênero?
- Qual é a diferença entre "tirar uma foto" e "produzir uma foto"?

- Você já ouviu falar em Semiótica? Procure saber o que significa esse termo e compreender qual é a sua importância para sabermos ler uma imagem.
- Em sua pesquisa aproveite para encontrar imagens atuais que evidenciam, ainda que indiretamente, a desigualdade racial existente no Brasil.

SUGESTÃO DE MATERIAL:

TEXTO
https://fotografiamais.com.br/fotojornalismo/

DOCUMENTÁRIO
https://youtu.be/Vz-3wPwV-so?si=HqVfIH9Z_P9vQdf1

SITE/ATLAS FOTOGRÁFICO
https://www.tucavieira.com.br/atlasfotografico

VÍDEOAULA
https://youtu.be/o_o9Vzrqzv4?feature=shared

ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

PRODUÇÃO E EXPOSIÇÃO DE FOTODENÚNCIAS:
Fotodenúncia é um gênero jornalístico/midiático que, como o próprio nome diz, tem o objetivo de fazer denúncia. Mas seus objetivos podem ir além: transmitir uma informação; retratar a realidade; expor um problema social; promover uma reflexão; mobilizar a sociedade e as autoridades políticas.

Nesse gênero a linguagem não verbal é predominante, mas é muito comum o uso de legendas para informar melhor sobre o contexto completo da foto e dos acontecimentos que a compõem. É importante que a legenda não se limite a descrever a foto, mas que ela seja capaz de ampliar as informações que a foto em si já mostra.

A fotodenúncia além de informar também é uma forma de protesto social - podemos dizer que o trabalho de Tuca Vieira e o projeto de Johnny Miller são baseados em fotodenúncias - por isso pode abordar diversos temas, como por exemplo: os abusos de autoridade por parte de agentes do Estado ou de criminosos, modos de vida ou de trabalho degradantes, maus tratos a animais, a pessoas idosas, a crianças, entre outros.

PRODUÇÃO DO MATERIAL DE APRESENTAÇÃO:
Reunindo todas as suas aprendizagens e seguindo as orientações de seus professores, você e seus colegas irão produzir fotodenúncias a partir do tema “Desigualdade Social e Racismo”.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), para expor as fotografias, sugerimos a criação de um blog da turma. Há diversas plataformas gratuitas com vários recursos interessantes. Cada estudante deverá apresentar uma foto, com a respectiva legenda. Assim que todas as fotos tiverem sido entregues e postadas, é possível fazer um concurso para escolher as fotodenúncias mais impactantes. Defina os critérios de avaliaçãoe, se possível, um júri. É possível, ainda, fazer um evento ou uma cerimônia de premiação dos estudantes vencedores do concurso. Todas essas ações podem ser configuradas como Entrega da Turma. Para mais informações sobre essa Entrega, consulte as Diretrizes Operacionais de Práticas e Vivências Integradoras.

A EQUIDADE PELA VIA DA ARTE E DA CULTURA

No final de 2020, em meio às incertezas e receios diante da pandemia da Covid-19 - que sem dúvida foi mais cruel com as pessoas mais pobres - foi lançado o documentário "AmarElo - É tudo pra ontem", protagonizado pelo rapper brasileiro Emicida, produzido por Evandro Fióti, seu irmão, e dirigido por Fred Ouro Preto, seu parceiro de trabalho há longa data.

Leia a seguir o trecho de um artigo escrito pelo jornalista Augusto Martins de Jesus, sobre o documentário:

"Emicida: AmarElo – É tudo pra ontem" – o discurso dos excluídos e a reivindicação de espaços culturais fechados no contexto da negritude brasileira

Por Augusto Martins de Jesus



O documentário protagonizado e narrado pelo rapper Emicida traz em seu título a urgência do debate: "é tudo pra ontem", porque tem pressa de fazer acontecer. O filme, estreado na plataforma de streaming da Netflix em dezembro de 2020, combina dois momentos importantes: uma autobiografia feita por um registro dos bastidores da construção do seu último álbum de lançamento, o AmarElo, e a narrativa da história da negritude brasileira munida da imprescindibilidade de uma reparação histórica.

[...] Emicida é categórico ao contar lições sobre o passado. O roteiro é pensado e organizado sob vieses importantes para se entender a história da negritude no Brasil. "Eu não sinto que eu vim, eu sinto que voltei. E que, de alguma forma, meus sonhos e minhas lutas começaram muito tempo ante da minha chegada."

O rapper lembra que o Brasil foi o último país do continente a abolir a escravidão. Refere-se a São Paulo, palco de sua história, como uma cidade que tem a sua riqueza baseada no ciclo do café mantida por uma mão de obra dessa escravidão recente. A abolição, que abandonou milhões de pretos à própria sorte é, posteriormente, mantida por políticas de branqueamento que incentivaram a imigração europeia, a demonização das culturas africana e indígena e o apagamento total, não só da memória da escravidão, mas de toda a contribuição não branca para o desenvolvimento do país.

Emicida recorda, ainda, que a ascensão da capital paulista como a terra das oportunidades é marcada por um processo de gentrificação violento, que descaracterizou regiões, especialmente as centrais – tradicionalmente ocupadas por pretos – , afastando essas populações para as margens da cidade. Somado a isso, pessoas pobres de outras regiões do país vinham e vêm tentar a sorte na metrópole das oportunidades e passam, também, a viver nessas extremidades, o que favorece, em contrapartida, o surgimento de uma periferia multicultural.

O rapper relembra que é por meio da música rap, do break e do grafite que os jovens da periferia paulistana encontram uma plataforma para se expressar e decidem marcar como ponto de encontro uma região de fácil acesso: o centro de São Paulo. O estilo segue pelas periferias do Brasil e se torna um movimento de conscientização a respeito do racismo e da desigualdade social. Com isso, a música do rap se funde de forma intensa ao universo da

música popular brasileira, principalmente o samba, que redefine ambos os estilos. Hoje, com a efervescência do ambiente digital, esses artistas alcançam conquistas raras ou inéditas. Vencer, para o Emicida, é muito mais do que ter dinheiro ou ser famoso. O que os jovens desejam, segundo o rapper, é reescrever a história do país.

Essa contextualização não surge despretensiosamente. Possui, a princípio, duas funções: a de alertar o telespectador que o racismo é estrutural e latente e a de justificar a escolha do Teatro Municipal de São Paulo como o palco de celebração desse encontro para a gravação do seu álbum. O que Emicida propõe em "AmarElo – É tudo pra ontem" é reivindicar espaços de validação cultural injustamente interditados aos negros, como o Municipal.

[...] A produção do documentário é dividida em três atos: "plantar", "regar" e "colher" e, em todas elas, é possível perceber a fala periférica como organizadora do discurso.

[...] AmarElo se configura, portanto, como um dispositivo fomentador de um debate atrasado e excepcionalmente necessário. É produto que deveria circular em todos os espaços, em especial, as salas de aula, até porque, segundo o próprio Emicida, "todas as nossas chances de consertar os desencontros do passado moram no agora. Por isso, é tudo pra ontem".

Texto completo disponível em:
revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19308/209209215309

TRAILER DO DOCUMENTÁRIO:

https://youtu.be/FQ9hC-N0ZYSg?si=ZAsl0bw-DOl2Y0awL

ORIENTAÇÕES

Professo(a)r, a proposta de trabalho com esse documentário vem ao fim dessa etapa, porque entendemos que as leituras e tarefas desenvolvidas até este ponto darão embasamento para que os estudantes compreendam melhor alguns conceitos abordados na obra e estejam mais preparados para as pesquisas que virão depois.

O ideal, se for possível, é que os estudantes assistam ao documentário completo, disponível no stream Netflix. Para enriquecer a reflexão sobre as temáticas que o filme aborda, antes da exibição, você pode dividir a turma em duplas e pedir que cada uma procure focar em determinado aspecto. Uma boa forma de tematizar esses aspectos é partir dos 10 tópicos iniciais do documentário, os quais reproduzimos a seguir.

“Eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei”

“Eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei. E que, de alguma forma, meus sonhos e minhas lutas começaram muito tempo antes da minha chegada”. É com essa fala que o rapper Emicida inicia sua narrativa em “AmarElo - É tudo pra ontem”. Em seguida, ele apresenta os 10 pontos que ajudam a contextualizar essa sua declaração:

1º. O Brasil foi o último país do continente americano a abolir a escravidão;

2º. A cidade de São Paulo, onde Emicida nasceu e cresceu, se tornou a maior e mais rica cidade da América do Sul durante a era de ouro do ciclo do café, que teve como mão de obra essa mesma escravidão;

3º. Quando a abolição finalmente foi alcançada, milhões de pretos foram abandonados à própria sorte e, em seguida, políticas de branqueamento passaram a ser adotadas, através do incentivo à migração europeia, da demonização das culturas africana e indígena e de apagamento total, não só da memória da escravidão, mas de toda contribuição não-branca ao desenvolvimento do país;

4º. A ascensão de São Paulo como “terra das oportunidades” é marcado por um processo de gentrificação violento que empurra a população preta que vivia nas regiões centrais para as margens da cidade;

5º. Pessoas pobres de outras regiões do país, principalmente da região nordeste, vêm tentar a sorte nessa “terra das oportunidades” e também vão ocupar as regiões periféricas. Assim nasce a cosmopolita e multicultural periferia de São Paulo;

6º. Na década de 1970, o movimento Hip Hop, nascido nos Estados Unidos, se espalha pelo mundo e chega ao Brasil para se tornar uma plataforma de expressão da juventude das periferias de São Paulo, que passam a se reunir no centro da cidade, a fim de promover e prestigiar manifestações artísticas que envolvem o rap, o break e o grafite;

7º. De São Paulo, o rap se espalha pelo Brasil e se torna uma poderosa ferramenta de conscientização a respeito do racismo e da desigualdade social, conectando a classe trabalhadora às ideias dos grandes intelectuais negros e não brancos, como Lélia Gonzales e Paulo Freire;

8º. Embora a música rap seja vista como uma ferramenta de denúncia, é importante conferir a ela o status de produção artística que, no Brasil, se fundiu tão bem ao universo da música popular, principalmente ao samba, que há uma redefinição dos gêneros musicais e da brasilidade, a partir desse encontro;

9º. A despeito do racismo estrutural brasileiro, a cultura hip hop e a música rap emancipam jovens negros no Brasil inteiro, inclusive economicamente. Por meio do ambiente digital, artistas independentes driblam o mercado cultural e conseguem se promover, atingindo um número de fãs raro ou inédito;

10º. Esses jovens querem bem mais do que fama ou dinheiro. Querem reescrever a história desse país.

Transcrições do trecho inicial do Documentário “AmarElo - É tudo pra ontem”

Depois de assistir ao documentário, faça uma pesquisa a fim de aprofundar seus conhecimentos sobre alguns conceitos, movimentos, pessoas, pensamentos e práticas apresentadas ao longo do filme. Seguem algumas sugestões sobre o que pesquisar:

- Processos de gentrificação, no passado e nos dias atuais;
- Periferias e multiculturalismo: riquezas que nascem nos espaços marginalizados;
- Por que o Municipal? - Ocupação dos espaços públicos, dos ambientes de poder e de

saber negados aos negros e indígenas;
- Lei da Vadiagem: formas de demonização a arte e a cultura afrobrasileira;
- Pixinguinha, Donga e os Oito Batutas: O samba ganha o mundo;
- Os Modernistas brasileiros e os Sambistas: como esses dois movimentos ajudaram a criar uma arte com a verdadeira cara do Brasil?
- O encontro do Samba com o Hip Hop: As origens do rap e seu renascimento no Brasil;
- Grandes nomes e grandes ideias: Tebas, o arquiteto negro; Lélia Gonzales, a filósofa negra;

Após fazer uma pesquisa para conhecer melhor as temáticas, você e seus colegas podem apresentar de diversas formas uma síntese do que aprenderam, usando, por exemplo, uma paródia, uma dança ou representação performática/teatral, uma canção, uma poesia escrita ou falada, enfim, o importante é usar a criatividade sem deixar de lado a seriedade dos temas.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), se desejar e for viável, divida a turma em pequenos grupos ou duplas e oriente uma pesquisa mais aprofundada sobre os temas que o filme levanta e, caso seja possível, promova seminários ou momentos de apresentação coletiva ou cultural, para que os estudantes possam expor seus aprendizados, percepções e criações advindos das pesquisas e dos estudos desenvolvidos ao longo desta etapa. As temáticas apresentadas são apenas sugestões e sem dúvida é possível explorar muitos outros temas.

Como outra possibilidade, indicamos o trabalho com a letra da música Principia, que abre o álbum AmarElo e apresenta uma mensagem muito forte sobre o amor universal, capaz de conduzir o mundo a uma transformação. Para melhor compreensão da riqueza representada por essa música, não apenas pela letra, mas pelos simbolismos que ela representa desde a composição até os cantores que dividem a cena com Emicida, indicamos a leitura do artigo "O rapper que repensou o Brasil: Apontamentos sobre a letra da canção Principia de Emicida", de Gustavo Souza. Sugerimos, inclusive, que os estudantes leiam o artigo após ouvir a música e acompanhar a letra, como um exercício de ampliação e desvelamento dos sentidos da letra. Ainda que pareça uma leitura muito técnica, a escolha de alguns trechos primordiais e a mediação adequada possibilitará a compreensão do texto. Segue o link para acesso ao artigo:

https://drive.google.com/file/d/1PlH9Ayy-GioKTduPZ7hWhYe3rtCyslhQ9/view?usp=sharing

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 9ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP. **Um retrato das desigualdades no Brasil hoje**. Observatório Brasileiro das Desigualdades. Tomás Wissenbach (Coordenação). Disponível em: https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2023/08/RELATO-RIO-FINAL-.pdf. Acesso out. 2024.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Educação de Jovens e Adultos**: Ciência Humanas: Componentes Curriculares Geografia e História / Ensino Religioso. Secretaria de educação (SEDU/ES), 2024. Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/06/DCEJA-2024.-HUMANAS-E-ENSINO-RELIGIOSO-1.pdf. Acesso nov.2024.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Educação de Jovens e Adultos**: Linguagens. Secretaria de Educação (SEDU/ES), 2024. Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/06/DCEJA-2024.-LINGUAGENS.pdf. Acesso em nov.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

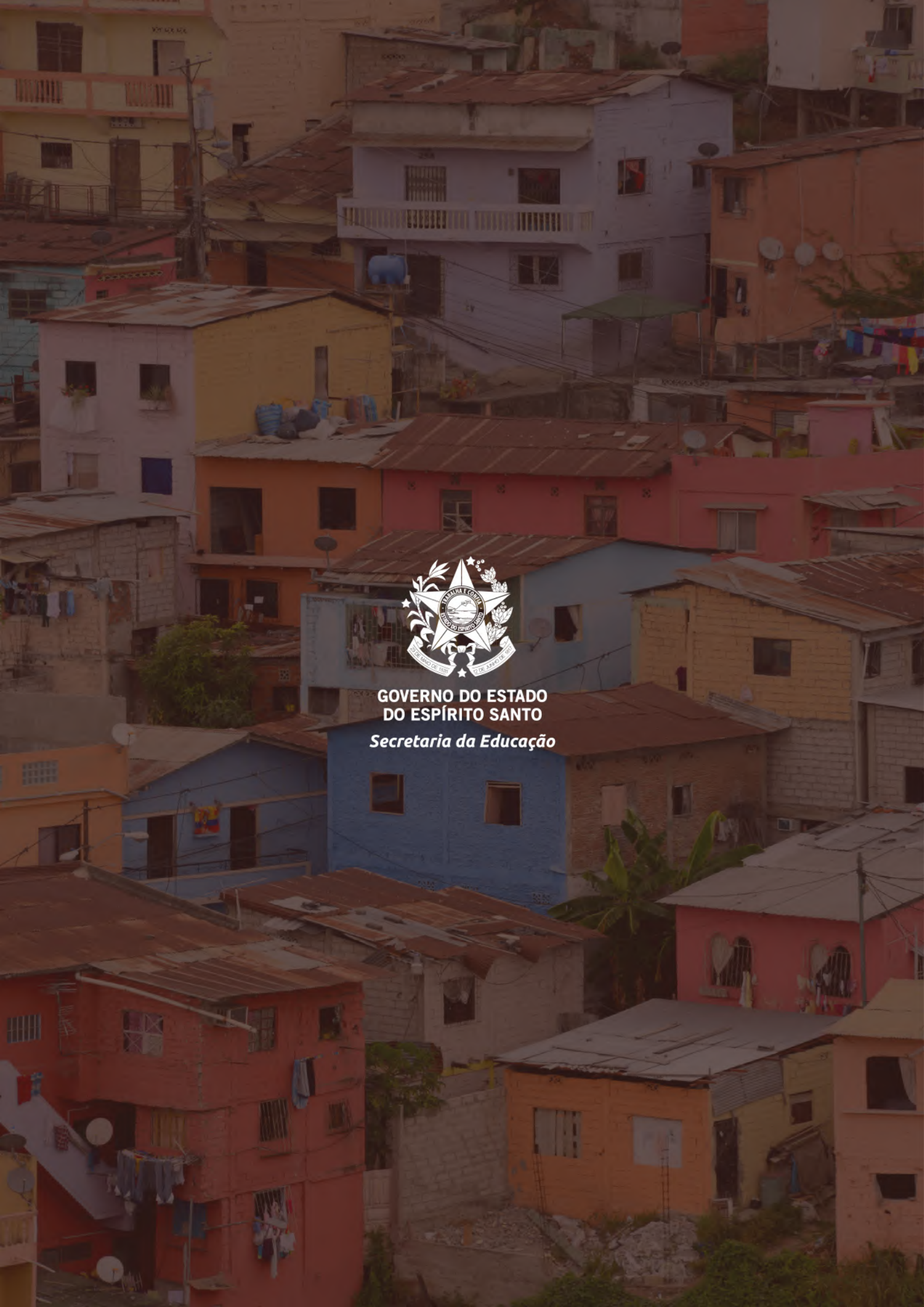
HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, ONU -. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, n. 3, p. 13–17, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i3p13-17. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36151. Acesso em: 11 out. 2024.

OXFAM BRASIL. **A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras**. 2017. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/publicacao/a-distancia-que-nos-une-um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/. Acesso out. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma Sociologia Política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG, 2003.



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria da Educação